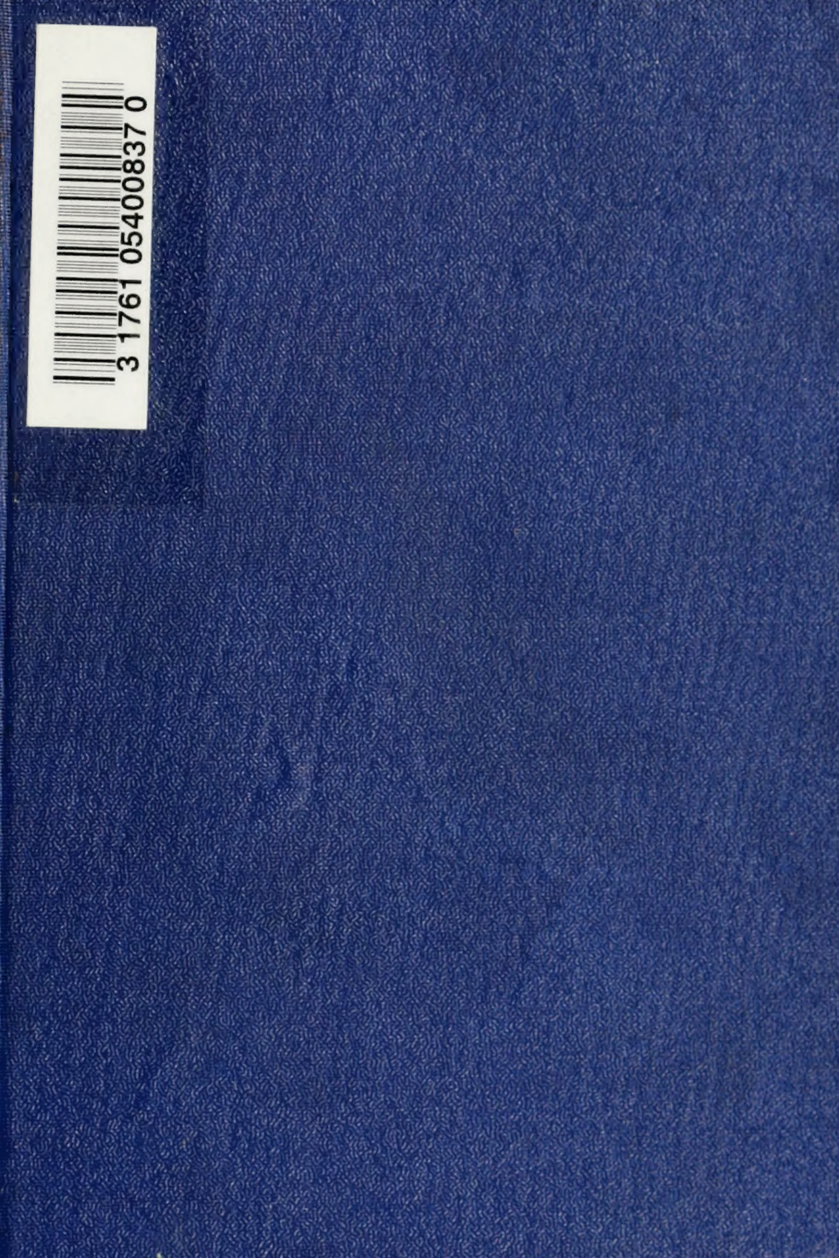




EX-LIBRIS
AVE - MARIA

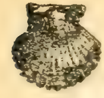


O romance de Amadis



composto sobre o Amadis de Gaula de Lobeira ~ por Affonso Lopes Vieira


OR·PIANGO·OR·CANTO




EX-LIBRIS
AVE - MARIA

O ROMANCE DE AMADIS

DO AUTOR

POESIA

PARA QUE ? (esg.)
NAUFRAGO (esg.)
AUTO DA SEBENTA (esg.)
O MEU ADEUS (esg.)
O POETA SAUDADE (esg.)
O ENCOBERTO
AR LIVRE
O PAO E AS ROSAS (esg.)
MONÓLOGO DO VAQUEIRO (Gil Vicente)
CANÇÕES DO VENTO E DO SOL (esg.)
ROSAS BRAVAS
POESIAS DE HEINE (fora do mercado)
SOBRE AS «SCENAS INFANTIS» DE SCHUMANN (esg.)
ILHAS DE BRUMA
CANÇÕES DE SAUDADE E AMOR («lieder»)
CANCIONEIRO DE COIMBRA
CRISFAL
O LIVRO DE AMOR DE JOÃO DE DEUS (compilação)
PAÍS LILÁS, DESTÊRRO AZUL

PARA OS PIQUENOS PORTUGUESES

ANIMAIS NOSSOS AMIGOS
CANTO INFANTIL
BARTOLOMEU MARINHEIRO
FERNÃO MENDES NO JAPÃO (com ilustrações japonesas, a publicar)

PROSA

A CAMPANHA VICENTINA
EM DEMANDA DO GRAAL
DA REINTEGRAÇÃO DOS PRIMITIVOS PORTUGUESES.

O romance de Amadis



composto sobre o Amadis de Gaula

Tiragem de cem exemplares em papel de linho, dos quais sessenta postos no mercado, encadernados por Alexandrino, com ferros especiais, numerados e rubricados pelo Autor.

Composto e impresso na IMPRENSA LIBANIO DA SILVA, para a SOCIEDADE EDITORA PORTUGAL-BRASIL, L.DA — LISBOA

DEDICATORIA

A MEU PAI

DO POUCO QUE FIZ,
CREIO QUE É ISTO O MELHOR:
EIS PORQUE O OFEREÇO A QUEM,
POR SUA TERNURA,
DE LONGE PREPAROU
AS POSSIBILIDADES DE EU O FAZER.

PREFACIO

O ROMANCE, *Novela*, *História*, *Livro* ou *Conto*, escrito por Afonso Lopes Vieira, nobre arauto e mantenedor do Lirismo da alma portuguesa e evocador das suas mais puras manifestações, não é invenção nova, individual dêle.

É a interpretação moderna, a síntese artística de uma das grandes obras antigas de fantasia que todos conhecemos, de nome e fama pelo menos: o *Amadis de Gaula* (não da *França*, mas de *Gales*, *Wales)*. Isto é: a narração das proezas e aventuras do primeiro e modelar *cavaleiro andante* das nações peninsulares

que criaram o tipo. A narração, sobretudo, dos seus amores com *Oriana, a Sem-Par*, ora idílicos, ora contrariados.

Derivado, há mais de seis séculos, de lendas bretónicas, cantadas por troveiros anglo-franceses, o *Amadis* chegara a Portugal na mocidade del-rei D. Denis, nacionalizado por um meigo trovador desta costa ocidental, o qual, impulsionado acaso por atavismos célticos, talvez já tivesse redigido outros *Lais de Bretanha*, traduzindo e imitando *Tristan* e *Lançarote*, que em parte subsistem anónimos, em parte desapareceram.

O texto de fins do século XIII e princípios do XIV, breve relativamente, em prosa com certeza ingénua e hesitante, foi retocado quanto ao vocabulário e à sintaxe, ao cabo de um século; e, por haver agradado muito, seria ampliado em harmonia com os gôstos cada vez mais cavalheirescos e aventureiros dos tempos das *lanças em Africa* e com o nobre idealismo da *inclita geração.*

Avolumado e reescrito pela terceira vez antes de 1500, nos alvores da letra

de fôrma, em castelhano e no estilo solene e ceremoniático do Renascimento, o *Amadis* foi naturalmente impresso, não só uma vez mas numerosas vezes durante o século, e espalhado pelo mundo romano-germânico fora, tanto no original como em traduções, imitações e continuações, em que a progénie do herói (netos até à quinta geração) realiza façanhas cada vez mais maravilhosas.

A quarta redacção — a de agora — pretende ser como que a recondução do texto, por duas vezes renovado, à sua forma primitiva, verdadeiramente portuguesa.

Devido ao trabalho de um artista que é também um filólogo, os *feitos de Amadis o Namorado* poderão ser lidos por todos quantos Portugueses se interessem pela parte que os seus maiores tiveram na literatura mundial.

Lidos como até hoje não fôra possivel:

Na língua dos *Lusíadas*.

Em vernáculo português.

Simples, poético, de graciosa e pal-

pitante casticidade, hábilmente tocado de leve pátina de idade, conquanto sem um único arcaísmo.

De mais a mais numa redacção tão condensada e atraente que num serão um bom ledor pode abranger o conjunto.

De hoje em diante; e, estranho como pareça, —*pela primeira vez*.

A suposta redacção primitiva, do tempo de D. Afonso III e seu filho D. Denis, nunca foi estampada. Nem se conservou manuscrita.

A incúria dos letrados da nação deixou-a perder-se. Mal apontaram lacónicamente, de longe em longe, a existência de um *Amadis português* ou *em português*. Por isso conhecemo-la apenas pela obra castelhana. Nesta, o Livro I, da Infância e Mocidade do *Donzel do Mar*, e o Livro II, das suas primeiras proezas e paixão secreta por *Oriana, a Sem-Par* — dissimulada, segundo a moda trovadoresca, debaixo de homenagens

que êle brincando presta à irmanzita da princesa — distinguem-se ambos tão notávelmente, pela sua graça e ingenuidade, dos Livros III e IV, que parece justo atribuí-los aos iniciadores portugueses, — depois de aliviados das roupagens roçagantes em que foram envolvidos cêrca de 1500.

Alêm disso conhecemos, felizmente, a redacção primeira de uma amostra que sobrenada, inalterada, e é a parcela mais autêntica e antiga de tôda a Novela. É o *Lais* que *Amadis* dedicou à tal pequena e gentil senhorinha.

Senhor genta = (*senhora gentil*)

Leonoreta,
fin roseta,
bela sobre toda fror,

cantiga que se conservou entre as mil e setecentas do *Cancioneiro Colocci-Brancuti* e figura, traduzida para castelhano, no *Amadis* comum.

Pela epígrafe sabemos, de mais a mais, que o autor se chamava *Lobeira*.

Joam Lobeira. Nome histórico de um vassalo do *Infante D. Afonso de Portugal*, irmão mais novo del-rei D. Denis, senhor, em Portugal, de Portalegre e Lourinhã, e único D. Afonso de Portugal, tanto da primeira como da segunda dinastia, que durante tôda a sua vida teve positivamente o título nobiliárquico de *Infante.*

Por ambos os motivos indicados deve ser o que fez a *João Lobeira* a curiosa exigência de alterar as relações afectuosas de *Amadis* e *Briolanja*, conquanto desde o Dr. António Ferreira (ou seu filho Miguel Leite Ferreira) seja costume identificá-lo com o primogénito e sucessor de D. Denis — D. Afonso IV, *o Bravo* — vencedor no Salado, e cruel castigador de Inês de Castro, por êsse ser o mundialmente conhecido.

Da segunda elaboração (do tempo de D. Fernando e D. João I — última metade do seculo XIV) tão pouco subsiste o original. Nem traslado algum. Pelo

mesmo motivo do pernicioso desleixo nacional.

Há todavia referências em escritores de 1400. Sobretudo uma do cronista Gomes Eanes de Zurara que levou a atribuí la, já *proluxa* no estilo, a outro Lobeira (por ventura descendente do *cavaleiro* João Lobeira), oriundo do Porto, segundo uns, residente em Elvas, segundo outros. Esse Lobeira, *Vasco Lobeira*, foi armado cavaleiro antes da batalha de Aljubarrota, talvez em circunstâncias tão essenciais como as do velho escudeiro *Macandon*.

Outras alusões, castelhanas, fazem supor que Vasco Lobeira tinha acrescentado ao *Amadis* um *Livro III*, imediatamente traduzido para os vizinhos o saborearem.

A não ser assim, se a redacção primitiva não tivesse constado de apenas dois Livros, não se compreendia que um Pero Ferruz acentuasse o haver lido a Novela *em três Livros*, no seu *Dezir* ao sagaz Basco, o Chanceler Pero López de Ayala (fal. em 1407), que anteriormente

confessara no seu *Rimado de Palácio* haver-se deliciado na mocidade com as *mentiras provadas* de *livros de devaneios* — como *Lançarote* e *Amadis*.

Apenas a terceira elaboração subsiste por ser do tempo da letra de fôrma, e, como já disse, castelhana. E impressa. Muita vez.

Obra de *Garci-Ordoñez de Montalvo, Regedor da mui nobre vila de Medina del Campo*, o qual deu conta clara e insuspeita da sua actividade como acrescentador e renovador de um texto antigo, viciado por maus *escrevedores* e *componedores*.

A edição mais antiga, da qual se salvou apenas *um* exemplar (hoje no Museu Britânico) é de 1508. É contudo quási certo ter havido impressões mais antigas (p. ex. uma de 1499).

O *Prólogo* manifesta-se, em referências aos Reis Católicos e à conquista de Granada, como redigido entre 1492 e 1504. No texto há todavia bastantes

passos relativos aos tempos calamitosos que precederam o glorioso reinado.

Esse *Amadis de Gaula*, em *castelhano*, claro que é o comum, o geralmente conhecido, o que foi lido e relido na Península e fora dela durante o fecundo seculo XVI. E é o de que Afonso Lopes Vieira se serviu para dêle extraír a matéria prima portuguesa.

Estampado mais de vinte vezes antes de 1588; continuado até constar de doze Livros, cada um com título e herói específico; imitado em outros ciclos de Cavalaria; dramatizado em Portugal por Gil Vicente numa bela tragicomédia; transposto em epopeia romântica na terra de Ariosto; traduzido para as principais línguas vivas, e mesmo para aquela morta que é praxe chamar sagrada (c. 1540, Livro I, em Constantinopla, pelo impressor hebraico Eleazar Ben Gershom Soncino)—êsse *Amadis* ficou sendo um dos Livros predilectos de fantasia, tanto em côrtes, palácios e solares, como em casas burguesas, hospedarias e celas de frades e freiras, lido

e relido pelos reis, fidalgos, letrados, artistas e santos.

Gostavam dêle e das continuações, Carlos v e Francisco i, que instigou Nicolas de Herberay, Seigneur des Essarts, a torná-lo conhecido em França; Santa Teresa e Inácio de Loyola; Diego de Mendoza e Simão da Silveira; Montaigne, Ariosto, Torquato Tasso.

E realmente a obra de Montalvo não é só grande em extensão (*Quatro* Livros, a que o próprio acrescentou ainda o *Quinto*, de *Esplandian*, 1510); é grande também em valor espiritual e estético. De fértil inventiva, notável eloqüencia e suficiente saber clássico, o *Regedor* delineou excelentes descrições de batalhas, combates individuais, vitórias, encantamentos e coisas maravilhosas, que pecam todavia por serem demasiadas, assim como copiosas exemplificações, admoestações e exclamações moralizadoras, destinadas a neutralizar os venenos que podiam escorrer dos casamentos clandestinos, filhos expostos e amores levianos.

Fulminado por causa dessas pechas

por teólogos e filósofos como profaníssimo, *lascivo*, *sensual*; como *mentiroso* por verdadeiros historiadores; como *corruptor de costumes* por educadores, o *Amadis* foi, ainda assim, muitas mais vezes enaltecido como *Doutrinal de Cavaleiros* e *Roteiro de Príncipes*. Não faltam anecdotas sôbre as lágrimas vertidas à morte de *Amadis*, por famílias inteiras, nem sôbre golpes de espada distribuidos na India pelos muitos que julgavam *reais* as façanhas descritas na Novela e queriam igualá-las.

Sobretudo, foi o *idealismo amoroso* de *Amadis* que impressionou os Quinhentistas. Foi a admiravel combinação que há nêle de uma audácia e heròicidade a tôda a prova, em perigos e guerras, e, na paz, de mesura discreta, suave melancolia e sentimentalidade meiga, qualidades que estavam em contraste abençoado com a bárbara rudeza de costumes, documentada em numerosas façanhas registadas nos *Livros de*

Linhagens. Por isso não acabam os louvores a *Amadis o casto*, *Amadis o lial*, *Amadis o bom amador!*

Em Portugal acarinharam-no como cousa própria. Em Espanha creio que influiu poderosamente na constituïção do *Português Namorado*, aquêle que de amor se mantêm; — gabado, mas tambêm às vezes ridicularizado em epigramas, como chorão em demasia, e de devoção quimérica ou mesmo idolátrica pela Mulher! No estrangeiro estimavam em especial o influxo benéfico que o exemplo de *Amadis* exerceu na vida social.

La più bella e forse la più giovevole storia favolata; *uma das melhores novelas do mundo*, distinta pela sua *vaga invenzione* ou *leggiadra vaghezza*, assim podemos conglobar os louvores essenciais que lhe foram tributados até em 1605 D. Miguel de Cervantes matar *Amadis*, e com êle todos os cavaleiros andantes — a golpes de ironia.

Mas o próprio criador imortal do *Dom Quixote* teceu elogios calorosos à No-

vela. Salvou-a da fogueira, como *única na sua arte.*

E parodiando várias scenas, como a da penitência, deu-lhes a *imortalidade que o génio comunica mesmo àquilo que parece destruir.*

Nos nossos dias foi o maior e melhor conhecedor das literaturas peninsulares, e em especial da *Novela* (de quem, de resto, é a linda frase citada), foi Menéndez y Pelayo quem glorificou o *Amadis* na proposição seguinte:

« *Sin el vértigo amoroso de Tristan, sin la adúltera pasión de Lanzarote, sin el equívoco misticismo de los héroes del Santo Graal, Amadis es el tipo del perfecto caballero, el espejo del valor y de la cortesia, el dechado de vasalos leales y de finos y constantes amadores, el escudo y amparo de los débiles y menesteroros, el brazo armado o puesto al servício del orden moral y de justícia.* »

No meio-tempo entre Cervantes e Pelayo apontarei apenas uma sentença de Gœthe, o olimpico, que em carta a Schiller confessa envergonhar-se por

haver conhecido tarde livro tão excelente.

Creio que bastarão êstes três excerptos para recordar aos admiradores de Afonso Lopes Vieira o mérito excepcional da obra que êle hoje lhes restitui na sua intensa modernização.

Para ambas as categorias, censores e encomiastas, o *Amadis* era naturalmente *castelhano*, conquanto o próprio Montalvo nada tivesse dito no seu *Prólogo* a respeito da linguagem do texto antiquado e corrupto que corrigira e polira, nem a respeito do autor (e mesmo escrevendo castelhano êsse podia ser Português).

Sòmente os mais cultos investigadores, peninsulares e estrangeiros, sabiam da tradição que atribuia a Novela (o primeiro e o segundo texto sem distinção) a um *Lobeira* (1).

Prova (única, bem pouco firme) de que em Portugal certos patriotas lamentavam a passagem da invenção nacional para Espanha, temo-la num trecho das

Antiguidades de Entre Douro e Minho do Dr. João de Barros. Falando de Portuenses ilustres, o autor nomeia Vasco Lobeira como inventor do *Amadis* (nb. erróneamente *em quatro livros!*) e acrescenta: *mas como estas cousas se secam em nossas mãos, os Castelhanos lhe mudaram a língua e atribuiram a obra a si.*

Os palacianos e letrados — incluindo o próprio Barros, que, no seu *Espelho de Casados*, critica, de resto, as fábulas de *Amadis* — sabiam todavia perfeitamente que a fama mundial do Livro de Cavalarias provinha dessa sua passagem à então universal língua do Império de Carlos V, em que o sol não se punha.

*

Dos factos alegados: a grande raridade e depois o desaparecimento total do suposto *Amadis português*, e a existência e propagação rápida da redacção castelhana; e pelo outro lado a falta de todo o antigo nome de autor *castelhano*, e a importantissima conquanto vaga tradição secular sobre a autoria dos *Lobei-*

ras; e ainda de vários outros pontos duvidosos ou problemáticos — como a hesitação entre *João* e *Vasco Lobeira*, um *Pedro* e outro *João* e *Vasco* modernamente descobertos — nasceu, em volta das origens e da evolução do *Amadis*, uma das polémicas literárias mais prolíficas que conheço — ventilada entre Portugueses e Espanhóis, mas em que entraram também, no século da crítica histórica, Franceses, Alemães e Ingleses (2).

Complicada e atraente, tanto pelo aspecto nacional e psicológico, como pelo lado literário e filológico, a *Questão do Amadis* já era no século XVI *cousa de mistério. Segrêdo que poucos sabem — Invenção de um Mouro latinado — Obra de Santa Teresa — De uma dama portuguesa — Do segundo Duque de Bragança,* na opinião da Senhora D. Caterina, filha do Infante D. Duarte, enunciada em conversa com o embaixador Luís Zapata. Fábulas, tôdas elas, sem base alguma!

Entre os pontos discutidos do texto,

que se ligam ao problema das *origens*, há dois que reforçam, correctamente interpretados, a fé nos *Lobeiras*: o de *Briolanja* e o de *Macandon*, o escudeiro que encanecido recebeu a ordem de cavalaria.

O primeiro caso, o leitor o conhece certamente: *Amadis*, moço de vinte anos, reconquista o reino e o trono da deserdada *niña hermosa*. Mas não cede aos desejos da romântica e apaixonada donzela, que ignora a sua lialdade ideal e verdadeiro amor por *Oriana*.

O *Senhor Infante D. Afonso de Portugal* — suzerano de João Lobeira, a meu ver, mais realista e positivista do que o poeta cujo plano psicológico ainda não percebera — pretendeu altera-lo, e exigiu, cheio de piedade pela menina, em harmonia com os processos grosseiros dos *Livros de Linhagens*, que, rudemente embora românticamente, *Amadis* «lhe fizesse um filho e uma filha de um só ventre».

Claro que o autor não cumpriu tal mandado. Contentou-se com registar a exigência. À margem do seu autografo,

penso eu; e nos traslados, onde posteriormente ela foi intercalada no texto, passando à redacção de Montalvo.

No próprio texto não se dá seguimento à alteração. Pelo contrário, afirma-se que a alteração era ***supérflua*, *vã e não verdadeira***.

E filhos de *Amadis* e ***Briolanja*** não surgem em nenhuma continuação.

Mas o curioso caso despertou, naturalíssimamente, a atenção dos leitores portugueses. Um houve no seculo XVI, muito culto e particularmente versado em língua e literatura arcaica, que interpretou a Nota no sentido que eu lhe dou, com a diferença apenas que, ignorando a existência do verdadeiro e único *Infante* D. Afonso de Portugal, julgou tratar-se do mais conhecido e mais falado *Afonso* da Dinastia: o que foi figura principal na Tragédia de Inês, como já deixei dito.

Esse quinhentista, o Dr. António Ferreira, autor da *Castro*, em que figura o *Bravo*, cultor desvelado da língua materna, e que inscreveu no pergaminho da

Ajuda tentativas de transpor versos trovadorescos em ritmo moderno, teve o singular capricho de metrificar a Nota marginal de Lobeira, fazendo dela um Soneto à italiana, mas na linguagem de D. Denis (3).

Pseudo-doutos atribuiram-no por isso ao próprio D. Afonso; — identificando-o, de então para cá, repito, mesmo na artística paráfrase que estou a prefaciar, com o rei D. Afonso IV, o *Bravo*.

Outros, calculando que um Soneto português, antes de 1325, seria anacrónico, e fazendo fincapé na hierarquia de *Infante*, substituiram o nome *Afonso* pelo de *Pedro*, do Infante muito mais popular, o das *Sete Partidas*.

Fantasias, também sem base, em volta das quais a crítica tem tecido infinitos arabescos.

Quanto a *Macandon, el viejo escudero encanecido*, como representante literário do histórico Vasco Lobeira que, decénios depois de o primeiro *Amadis* correr em Espanha, tomou parte na batalha de Aljubarrota, sendo armado

cavaleiro por D. João I com dúzias de outros homens de armas,—e introduziu em seguida na Novela (do seu antecessor?) o episódio a êle relativo da espada e da guirlanda milagrosa, não seria difícil tornar plausível o só aparentemente extraordinário caso.

Em teoria podia eu apontar, nos *Doutrinais de Cavaleiros*, referências a homens estrénuos que tinham entrado em centenas de combates e assistido à tomada de outros tantos castelos, sem terem recebido a ordem de cavalaria.

E, práticamente, podia assinalar exemplos.

Não deve quem trata do *Amadis* confundir os combatentes do século XIII e XIV com os moradores da côrte de D. Manuel e D. João III.

Quanto à cronologia, o *Dezir* em que Villasandino menciona o velho escudeiro, «que depois dos sessenta começou a correr tormenta e a ser cavaleiro armado», é de 1396; e Vasco Lobeira, dizem que faleceu em 1403 (data que todavia nunca vi documentada).

Com relação à *nacionalidade* da Novela (abstraindo das raízes escondidas no sub-solo céltico e das canções de gesta em língua picarda, etc.), pronunciaram-se a favor de Espanha, por causa da existência do texto de Montalvo e das alusões temporãs a figuras da Novela, os distintos hispanólogos Baret, Braunfels e Baist, e os Ingleses de hoje que ainda mencionarei, sem considerar quão contraproducente é a falta de todos os elementos *nacionais* na Novela.

A favor de Portugal, ligando importância não só aos argumentos externos, mas também aos *internos*, e abrangendo nos seus estudos, com simpatia igual, a Península inteira, declararam-se Milá y Fontanals, Gaston Paris, F. Wolf, Southey, — antes que João Lobeira fôsse conhecido como autor do *Lais de Leonoreta*.

Depois de 1880, foi, sobretudo e decididamente, Menéndez y Pelayo (nas *Origens da Novela)* como já ficou dito.

«¿Havia na Península hispânica alguma raça mais preparada que a de

Castela para receber o influxo do *Amadis de Gaula?»* preguntou uma vez. E respondeu: «Só uma existia, afastada nas regiões ocidentais, e cujos poetas haviam dado carta de naturalização, pela primeira vez entre nós, aos nomes de *Tristan* e *Iseu.»* No mesmo sentido, alega ainda o misticismo de Nunálvares Pereira, a imitar Galaaz, e o cavalheirismo de D. João I, a fazer de Rei Artus no sítio de Coria, equiparando os seus cavaleiros aos da Távola-Redonda; a sentimentalidade racial; a mesura, discreção e delicadeza dos costumes; as finezas e cortesias de Portugal, que a *Bela de Ticiano*, a Imperatriz D. Isabel, levou à côrte de Carlos V.

Entre nós foi T. Braga quem defendeu com maior entusiasmo, desde 1873, a mesma tese, afirmando, como a autora destas linhas, que se o *Amadís* deixou de pertencer a Portugal, continuou, ainda assim, a *ser português* pelo lirismo tão bem revelado na combinação preciosa entre a alma suave e a valentia heróica.

Pessoalmente tentei deduzir conclusões

das relações mútuas, literárias, entre Espanha e Portugal.

O Português (que em regra tem o dom das línguas e ouvido musical finíssimo) entende a sonora língua do centro com as suas cinco vogais claras e expressivas e lê com facilidade textos de lá sem precisar de traduções.

O Castelhano, pelo contrário, tem dificuldade em apanhar as trinta vogais diferenciadas do Português. E conhece da literatura portuguesa exclusivamente o que Luso-castelhanos ou Galego-castelhanos lhe vertem ou nacionalizam.

No futuro e indispensável livro sôbre a Intercultura dos dois países, já muito bem preludiado, deverá ser feita a análise das prosas arcaicas, para verificar se o *Graal*, o *Merlin*, o *Lançarote*, o *Vespasiano*, o *José-ab-Arimatia*, a *Clemência*, o *Mouro Rasis*, a *Vita Christi*, *etc.*, passaram de português para castelhano, ou de castelhano para português.

Aqui basta notar que as duas mais notáveis controvérsias sôbre a autoria de obras-primas, não meras traduções

como as arcaicas que citei, mas criações de arte—estão decididas, de há muito, a favor de Portugal:

A da *Castro* e *Nise lastimosa* e
A do *Palmeirim de Inglaterra.*

Ultimamente fôram três Ingleses, de minucioso saber e critério penetrante, que examinaram de novo a *Questão do Amadis*, empenhados como os demais em apurar a verdade—G. S. Williams (1909, na *Revue Hispanique XXI)*; Henry Thomas, em *Spanish and Portuguese Romances of Chivalery*, 1920; e Aubrey T. G. Bell, em *Portuguese Literature*, 1912.—Avaliando os argumentos *positivos* e deixando de lado os *psicológicos*, êsses chegaram a uma forma mais dubitativa aínda para Portugal do que os críticos precedentes:

Talvez português a princípio, o Amadis *passou a ser castelhano cêrca de 1500 ou anteriormente.*—Resultado que, apesar de tudo, não alterou nem creio alterará a fé dos que, como Afonso Lopes

Vieira, procuram e encontram nos primeiros Livros do *Amadis* a alma portuguesa, o lirismo racial.

Maravilha e *cousa de mistério* na linguagem dos antigos é que, sendo assim e embora sempre o acarinhassem como seu, nenhum Português se lembrasse até hoje de restituir à pátria o tesouro que na sua fidalga prodigalidade ela deixara escapar das suas mãos.

Ficou reservada essa gloriosa missão — é tempo de o acentuarmos — a um dos verdadeiros Lusíadas de hoje, poeta de lirismo nativo e poeta capaz de se identificar, por afinidades naturais ou electivas, com o trovador *João Lobeira* (João Pires Lobeira Alvim) do século XIII e com o cavaleiro *Vasco Lobeira*, do século imediato, como já se havia identificado com Mestre Gil Vicente, nacionalizando o *Monólogo do Vaqueiro*.

Gloriosa missão, na verdade, mas melindrosa e difícil, e que exigia uma intuïção luminosa, um gôsto seguro.

Nas circunstâncias peculiares do *Amadis* não havia outro processo possível senão o de novamente *excavar* da única redacção existente, castelhana e tardia, as partes que, críticamente decompostas, pareciam ser a matéria-prima portuguesa.

As outras partes, acrescentadas por Montalvo às duas primeiras sobrepostas, era preciso eliminá-las. E elas eram tantas que a compilação enchia um in-fólio enorme — igual a um volume inteiro da edição Rivadeneyra, (o XL) quatrocentas e algumas páginas de duas colunas, a sessenta linhas cada!

Cento e trinta e cinco capítulos, para cuja leitura fatigante só tem ânimo, no século que corre, raríssimos especialistas, em noites enfadonhas de invernia.

O renovador cortou, por isso, em primeiro logar os excursos moralizadores do filosofante Regedor de Medina del Campo.

Suprimiu as repetições de aventuras e feitos; os enrêdos inúteis; numerosas figuras secundárias.

Procurando as *linhas construtivas* da Novela, reduziu a poucas as batalhas e os duelos do cavaleiro andante; sem excluir o maravilhoso, desenvolveu com breves traços o que lhe pareceu essencial: o *elemento humano*, o *carácter lírico* da Novela. Portuguêsmente lírico.

Com êsse fim, e para combinar intimamente aquelas aventuras que conservou, introduziu de longe em longe algumas alterações, que em nada afectam a autenticidade da obra: uma reminiscência da *História Trágicò Marítima*, outra do romance da *Nau Caterineta* — dois versos do *Crisfal* — uma quadra popular — um dito trovadoresco.

Tudo isso realizou-o Afonso Lopes Vieira, depois de repetidas leituras e investigações de quatro anos, no verão de 1922, no seu Bom-Retiro de São Pedro de Muel. Com entusiasmo varonil e intensa comoção intelectual reduziu os cento e trinta e cinco capítulos de Montalvo a vinte, atraentes e atados de modo que constituem um todo perfeito: lógico e artístico, fremente de vida.

Igual à *Novela* de João Lobeira e Vasco Lobeira?

Exactamente, com certeza que não. Mas quanto possível.

Sendo dos Lobeiras, é também de Afonso Lopes Vieira o *Romance de Amadis* pelo que o viveu e sentiu com apaixonada devoção. E como a construção, assim a linguagem é tôda dêle.

Invocando os manes do poeta-cavaleiro que escreveu o *Lais de Leonoreta,* dirige-se ao público, chamando-o com o tradicional *ouvide* dos troveiros; e dá-lhe, dá-nos a todos, a quinta-essência do *Amadis*, pondo em destaque tudo quanto é vivo e humano no velho texto; e, dentro do humano, particularmente o núcleo sentimental: — o *amor-adoração.*

Amor-adoração à portuguesa, de modo algum mole e derretido, antes obstinado como expansão incoercível das fôrças do carácter, que o verdadeiro cavaleiro que ama, conscientemente submete às leis da Ordem.

Do extensíssimo *Livro de Cavalarias* de 1500, o arauto e mantenedor do Lirismo

português, sem nada falsificar, alterando apenas as proporções entre os feitos do cavaleiro e o idealismo amoroso, tornou portanto a fazer a *heróica e amorosa canção* que êle fôra nos séculos XIII e XIV.

Bem haja pelo serviço que prestou às Letras pátrias.

Oxalá a Nação e o estrangeiro lho agradeçam como merece.

Porto, 31 de Dez. de 1922.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

NOTAS

(1) Mal documentada embora pela menção de um manuscrito entre 1450 e 1460 (Zurara); outro, (ou o mesmo) na Casa de Aveiro em 1598 (Miguel Leite Ferreira); e em 1726, denunciado à Academia de História pelo Conde de Ericeira, como tendo sido catalogado em 1686 entre manuscritos do Conde de Vimieiro.

(2) Quanto a Montalvo, ele é *Garci-Rodriguez* em 1508 (Saragoça); *Garci-Ordoñez*, 1511, 1526, 1533; *Garci-Gutierrez*, 1510 e 1542 nas *Sergas de Esplandian*.

(3) D. Afonso, falando ao suposto autor, diz nesse Soneto:

Bom Vasco de Lobeira de gram sem,
de pran, que vos avedes bem contado
os feitos de Amadis, o Namorado,
sem quedar ende por contar i rem.

Sem é o germânico *Sinn*—juizo, entendimento.

O ROMANCE DE AMADIS



I

PERION



SENHORES, ouvide o romance de Amadis, o Namorado. Escreveu-o um velho trovador português, e depois um castelhano, trocando-lhe a lingua e o jeito, da sua terra o

levou. Mas já as mais nobres mentes de Espanha por nosso o dão.

Em Portugal tem a segunda pátria o espírito heróico e amoroso da Távola-Redonda.

E o conto é de amor fino e fiel, de português amor, rendido como êle é só.

Ao começar o romance de Amadis, invoco a memória do cavaleiro--poeta que o compôs, para que me alumie. Invoco o par para sempre enlaçado e vivo de Tristan e Iseu, que morreram de amor e dor ambos os dois.

E vós que amais com amor heróico e fiel, que amais o amor, ouvide a história como eu a senti.

Não muitos anos depois da Pai-

xão do nosso Salvador e Redentor Jesus Cristo, houve na piquena Bretanha um rei, por nome Garinter, bom cristão e de lhanas maneiras.

Teve êste rei duas filhas de sua mulher, boa dona. A mais velha casou com Languines, rei de Escóssia; e a essa se chamou a *Dona da guirlanda*, porque de uma grinalda mui rica quis seu maridó que ela sempre cobrisse os formosos cabelos, tanto gôsto lhe dava olhá-los; e por filhos houveram Agrajes e Mabília, de quem menção se fará.

A outra filha, chamada Elisena, era muito mais linda que a irmã, mas como sempre se escusasse a esposar algum dos príncipes que a demandavam, tanta esquivança deu aso a que a apelidassem *Devota perdida*.

Ora, êste rei Garinter, sendo já crescido em anos, saía algumas vezes a montear, para espalhar cuidados; e uma vez que se afastara dos monteiros e pela espessura andava a rezar suas Horas, viu um cavaleiro que com dois outros pelejava, nos quais reconheceu dois vassalos, de quem, por soberbos e descorteses, el-rei muitas queixas havia; e, apartando-se, olhava o combate, no fim do qual aquêles dois foram mortos.

Isto feito, veio o cavaleiro a el-rei e, vendo-o só, preguntou-lhe:

— Bom homem, que terra é esta em que os cavaleiros são salteados?

— De isso não hajais espanto, — retrucou el-rei — que em tôdas as terras bons e maus cavaleiros há; e dêsses que dizeis muitos tinham agravos, e até seu mesmo rei.

— A êsse rei quero eu falar — tornou o cavaleiro — e se sabeis onde pára, peço-vos que o digais.

— Pois seja como fôr, sabei que tal rei eu o sou.

Entregou o cavaleiro ao escudeiro o escudo e o elmo, e foi abraçar el-rei Garinter, dizendo-lhe que era el-rei Perion de Gaula e que muito quisera conhecê-lo. Ouvindo êste nome, deveras folgou o senhor bretão. Conhecia êle Perion por sua fama alta e honrada, pela bravura e gentileza da sua cavalaria, as quais, sendo aquêle rei moço como era, tão celebradas andavam por todos os reinos da piquena e da grã Bretanha. E, do coração, deu-lhe as boas-vindas. Ledos se juntaram os dois senhores e procuraram os monteiros para se recolhe-

rem à vila de Alima, donde el-rei Garinter partira para montear.

Pelo caminho saltou-lhes um veado escapo da montaria e atraz do qual correram os reis a fim de o lancear; mas um leão, que das brenhäs saíra, alcançou o veado, atassalhou-o e pôs-se a olhar sanhudo os cavaleiros, como quem preara coisa que julgava ninguém dísputaria.

Vendo o que, desmontou el-rei Perion do cavalo, que a vista do leão espantara:

— Pois não há-de ser teu! — disse Perion.

E sem que o estorvassem as vozes de el-rei Garinter, à fera se foi com o escudo embraçado e a espada na mão. Deixando a presa, arremessou-se o leão contra Perion e, juntando-se ambos, aquêle o teve de-

baixo, prestes a esqüartejá-lo; mas el-rei, não perdendo ânimo, ensopou-lhe a espada no ventre e o matou. Perto soaram as buzinas dos monteiros, que logo vieram e rodearam a seu senhor. E do que viu se admirou el-rei Garinter, entre-si dizendo que não sem causa el-rei Perion era tido pelo mais esforçado cavaleiro do mundo.

II

DARIOLETA

Carregados em dois palafréns o leão e o veado, para a vila se encaminharam com grande prazer os senhores; do que sendo avisada a raínha, de ricos e grandes atavios se enfeitaram os paços e foram postas as mesas. Sentaram-se a uma mais alta os dois reis e a raínha, com Elisena em outra a-par desta; e ali foram servidos como em casa de tão bom senhor convinha.

Mas sendo a infanta tão formosa, e el-rei Perion tão alto cavaleiro, em tal hora se olharam que o grande recatò dela não pôde tanto que de mui grande amor presa não fôsse; e Perion assim também dela, pois que seu coração livre o havia. De maneira que um e outro todo o tempo ali estiveram fora de si. Recolhendo-se a raínha à sua câmara, levantou-se Elisena; e, caíndo-lhe do regaço um anel que tirara para se lavar, a fim de o apanhar se baixou; mas Perion o tomou e deu-lho.

Quando as mãos dêles se encontraram, Perion apertou a da infanta, que, olhando-o com amorosos olhos, lhe agradeceu còrando.

— Ai, senhora! O último serviço não será que vos eu farei, pois tôda a vida a quero empregar em vos servir!

Tão turbada se foi Elisena que a vista quási perdia.

Não podendo calar dor tão nova, descobriu seu segrêdo a uma donzela de quem muito se fiava e se chamava Darioleta. E, com pranto dos olhos e mais do seu coração, pediu-lhe conselho sôbre como saber poderia se Perion amava outra mulher, e se aquêle amoroso rosto com que a estivera olhando prova seria de amor igual ao seu. Pasmada com tal mudança em pessoa para quem estas coisas eram tão desusadas, logo a donzela prometeu servi-la, vendo que o amor não deixara em sua senhora logar para caberem razão ou conselho.

Encaminhou-se Darioleta para a câmara de el-rei Perion, a tempo que o escudeiro ia levar os vestidos do

seu senhor. Pediu-lhos a donzela, dizendo que ela mesma os levaria.

Tomando por maior honra o que a seu senhor se fazia, foi-se o escudeiro; e Darioleta, entrando na câmara de el-rei, por êste foi reconhecida como a donzela da infanta:

— Boa donzela, que me quereis?

— Senhor, dar-vos de vestir.

— Nu de alegria está meu coração.

— Mas por quê?

— Porque sempre livre fui, a esta terra livre vim, e agora em casa de vosso senhor ferido fui de ferida mortal. E se para ela remédio me achasseis, eu vos daria bom galardão.

Respondeu a donzela que contente seria de servir tão bom senhor, se soubesse em quê. Sabia muito bem Darioleta aquilo em que pode-

ria servir el-rei Perion, mas alegrava-se de o ouvir falar do amor que Elisena lhe merecia, comparava as palavras dêle com as que lhe ouvira a ela, e tudo ia encaminhando ao ponto que desejava.

— Se me prometeis, como lial donzela, guardar segrêdo do que vos eu disser, descobrindo-o só onde de razão, então direi.

E, prometendo-lho Darioleta, disse-lhe el-rei que vivera até ali sem haver empregado o coração, costumado a correr aventuras mas não a penar cuidados; que em forte hora olhara a grande formosura de Elisena; que tão cuidoso agora estava que se julgava a ponto de morrer, e emfim que morreria se algum remédio não achasse.

Tornou-lhe a donzela:

— Se me prometeis como rei, guardando em tudo a verdade a que mais obrigado sois, de a seu tempo a tomar por mulher, então eu farei coisa que não só o coração vos contente, mas também o dela, onde mora amor igual ao vosso. Mas se o não prometerdes, por mulher a não lograreis, nem vossas palavras haverei como de honrado amor.

El-rei Perion, que obedecia ao mando de Deus para que tudo fôsse como adiante ouvireis, pôs a mão na cruz da sua espada e jurou:

— Juro nesta cruz e espada com que a cavalaria recebi, de isso fazer que me pedis, donzela, e quanto por vossa senhora requerido me fôr.

— Pois folgai ora, que eu farei o que vos disse!

Buscando a sua senhora, contou-lhe o que com el-rei Perion concertara, e Elisena, com grande alegria, abraçou-a:

— Minha amiga verdadeira, mas quando soará a hora em que em meus braços aperte aquêle que por senhor me foi dado?

Explicou-lhe Darioleta que dando a câmara de el-rei Garinter para o pomar, a ela iriam seguras quando todos estivessem dormindo. E lembrando-lhe Elisena que na mesma câmara el-rei seu pai dormia, a donzela prometeu que tudo faria bem.

Quando caiu a noite, Darioleta apartou-se com o escudeiro de el-rei Perion e preguntou-lhe que donzela era que seu senhor amava com entranhado amor.

— O meu senhor a tôdas ama, mas a nenhuma como dizeis.

Nêste ponto acercou-se el-rei Garinter e, vendo os dois conversando, preguntou à donzela que tinha ela que dizer àquêle escudeiro.

— Por Deus, senhor, eu vo-lo direi: êle me chamou e disse que seu senhor costuma dormir sòzinho em sua câmara, e vossa companhia certo o estorvará.

El-rei Garinter foi dizer a el-rei Perion que levantando-se a matinas por ter muito em que cuidar, o deixaria só naquela câmara para estôrvo lhe não fazer.

Quando Darioleta viu que os reposteiros levavam de ali a cama de el-rei Garinter, foi contar à infanta quanto sucedia.

— Boa amiga, — disse-lhe Elisena

— creio que Deus assim o quere; e o que parece agora êrro, será ao depois grande serviço seu.

E assim estiveram elas até que todos foram dormir.

III

ELISENA

Como tudo estivesse sossegado, a donzela encaminhou a infanta e saíram ambas ao pomar. Fazia um luar muito claro.

Darioleta, olhando Elisena, abriu-lhe o manto, remirou-lhe o corpo, que ela trazia nu só com camisa, e disse, rindo:

— Senhora, em boa hora nasceu aquêle que vos vai ter!

Sorriu a infanta e tornou-lhe:

— Amiga, dizei antes que bem-

aventurada fui em me dar Deus tal senhor.

Perion, com a queixa do coração e a esperança que a donzela lhe dera, não havia podido dormir; caíra em modorra, e sonhava. Sonhava que alguém entrava por uma porta falsa naquela câmara e, a êle se indo, lhe metiā as mãos pelas costas e lhe arrancava o coração para o deitar a um rio.

— Por que me fazeis tal crueza? — dizia Perion a labutar nas vascas do pesadelo.

À porta da câmara, Elisena tremia tôda e, como na aldrava mexêssem, acordou Perion espavorido e benzeu-se.

Nêste ponto iam entrar as donzelas e, como êle as sentisse, temeu-se de traição e saltou do leito, em-

punhando a espada contra os vultos.

—Senhor, isso que é?—segredou-lhe Darioleta.

Vendo então Elisena, foi tomá-la Perion nos braços. E Darioleta disse à infanta:

—Ficai, senhora, que aínda que vos defendestes de muitos, e êle de muitas também se defendeu, mandou Deus que vos não defendesseis um do outro.

E, vendo a espada de el-rei, tomou-a em sinal da jura feita, e saíu.

Perion, olhando Elisena à luz das tochas que ardiam, parecia-lhe que nela se ajuntara tôda a formosura do mundo.

Antes da alva romper, veio Darioleta pela infanta e, indo as duas dormir, nada se soube em palácio.

Assim por dez noites se amaram Perion e Elisena; e em uma delas preguntou a infanta ao seu amigo:

— E quando vos fôrdes, que há-de ser de mim?

— Quando me eu fôr, deixo-vos o coração, e êle, junto ao vosso, nos dará fôrças, a vós para esperar um tempo, a mim para cedo tornar.

Ao cabo daquêles dias acordou el-rei Perion e forçou sua vontade, decidindo-se a abalar; e como o sonho que tivera lhe dava grande cuidado, queria saber como os sábios do seu reino o entenderiam.

Despedindo-se de el-rei Garinter, quando quis cinjir a espada não a achou e não se atreveu a pedi-la, o que muito lhe custava porque era boa e formosa.

E partiu daquêle reino.

Porém antes falara com Darioleta, a quem disse a pena em que ia e lhe contou aquela em que sua senhora ficava.

— Ai, minha amiga, eu vo-la recomendo como ao meu próprio coração!

E tirando do dedo um formoso anel de dois iguàis que trazià, deu-lho para que lho levassê por seu amor.

IV

AMADIS SEM TEMPO

Com que saüdade e dor Elisena ficou do seu amigo! E só falando com Darioleta algum alívio achava. Passando foram os dias até que a infanta se sentiu grávida, perdendo o comer e o dormir e a sua formosa côr.

Cresceram então os cuidados e não sem grande razão, porque era lei naquêle tempo que não escapasse à morte, por maior que fôsse seu es-

tado e senhorio, mulher que cometesse culpa.

Culpa, não a cometera Elisena, pois o que el-rei Perion jurara sôbre a cruz santificava para Deus o amor que haviam; mas isto era para Deus, não para os homens. E durou esta lei cruel até à vinda do mui virtuoso Rei Artur, que a revogou ao tempo em que matou Floyan em batalha, às portas de Paris.

Mas aquêle poderoso Senhor Deus por cuja permissão tudo isto se fazia para seu santo serviço, tão discreta tornou Darioleta que a donzela tudo remediou, como agora ouvireis.

Havia em palácio uma apartada câmara de abóbada sôbre um rio que por ali passava, e ao rés do qual se abria uma portinha de ferro

por onde às vezes as donzelas entravam na água para folgar.

Por conselho de Darioleta, pediu Elisena esta câmara a seus pais, a fim de melhorar a saüde e rezar suas Horas sem que a estorvasse ninguém, levando Darioleta para que a servisse. Tendo-lho êles consentido, ali se aposentou a infanta e alguma coisa descansou de seus temores.

Um dia preguntou à donzela que se faria ao que nascesse.

— Quê, senhora? Que padeça para que vos livreis!

— Ai, Santa Maria! E como deixarei matar o que aquêle que mais amo fez?

— Disso não cureis — tornou-lhe a donzela — porque, se a vós matassem, a êle não poupariam.

— Aínda que eu como culpada morra, não quero que o inocente padeça!

— Pois grande loucura seria que para salvar coisa sem proveito vos perdesseis e a vosso senhor, que viver sem vós não poderia; mas, vivendo ambos, outros filhos tereis que a pena dêste vos farão passar.

Como à donzela era Deus que a guiava, antes do apêrto quis o remédio: e buscou quatro táboas tão grandes que com elas fez uma arca do comprimento de uma espada, e com betume as ligou tão bem que tôda a água vedavam.

Mostrando a Elisena o que fizera, disse-lhe que a seu tempo saberia para que aquilo era.

— Pouco se me dá saber o

que se faz ou se diz, que perto estou de perder minha alegria e meu bem.

Doeu-se de pena a donzela, vendo-a tão triste e chorando, que bem lhe custava ter de ser crua por fôrça; e foi-se para que a infanta a não visse também chorar.

Pensava Elisena em Perion, de quem não houvera mais novas; e, embora cresse no amor dêle e em que êle nunca a esquecia, pesava-lhe muito a ausência, para mais em tão incerta hora. Uma vez preguntou a Darioleta:

— Por que não virá o meu senhor?

Sossegou-a a donzela respondendo-lhe o que a infanta a si mesma dizia quando cuidava naquela ausência:

— Senhora, por tudo será, menos

porque vos esqueça, pois no juramento feito sua palavra empenhcu.

Não tardou muito que a Elisena chegasse a hora de ser alumiada; e como não podia gemer, dobradamente sofria.

Emfim quis Nosso Senhor que um filho nascesse e, tomando-o a donzela nos braços, viu que era vivo e formoso!

Mas logo tratou de fazer o que convinha, segundo o que ela antes pensara: baptisou o menino como se fôra em artigo de morte, e, depois de o embrulhar em ricos panos, trouxe a arca.

— Que ides fazer?

— Pô-lo aqui e deitá-lo ao rio!

A mãe apertava-o ao peito, chorava que se matava:

— Meu menino! Meu rico filhinho!

A donzela escreveu num pergaminho: — *Este é Amadis sem tempo, filho de Rei.* — E o nome era o de um santo de muita devoção a quem o encomendou; e dizia — « sem tempo » porque cuidava que êle ia logo morrer.

Pôs a carta ao pescoço do menino, e Elisena pendurou da mesma fita o anel que Perion lhe dera. Deitado o menino na arca, puseram-lhe ao lado a espada de seu pai — e a donzela deitou a arca ao rio . . .

Como a corrente era forte, depressa chegou ao mar; e, sendo já manhã, aconteceu uma daquelas coisas que o Senhor mui alto, quando lhe apraz, usa fazer.

No mar navegava uma nau em

que um cavaleiro de Escóssia partia da piquena Bretanha com sua mulher, que dera à luz pouco havia; e de bordo viram a arca e mandaram recolhê-la. O cavaleiro, que se chamava Gandales, abriu a arca e viu o menino, que em seus braços tomou:

—Este é filho de algo; e que espada formosa!

Maldizia o cavaleiro a mãe crua que tal criatura enjeitara, e pediu a sua mulher que o criasse. Logo esta lhe deu o peito da ama que a seu filho Gandalin aleitava e onde o menino mamou com vontade, do que os bons senhores se alegraram.

Assim foram navegando até Antália, cidade de Escóssia e, de ali partidos, chegaram a um castelo seu, que era dos bons do reino. Aí

foram criando o menino como se fôra seu filho; e todos creram que sim porque pelos marinheiros nada se soube, tendo êles navegado a outras partes.

V

O DONZEL DO MAR

PARTINDO el-rei Perion da piquena Bretanha, como já se vos contou, quanta saüdade de sua senhora havia!

Chegado que foi ao seu reino, enviou recado aos homens bons para que lhe mandassem os mais sabedores, a fim de lhe explicarem um sonho que tivera.

Vieram os vassalos mui desejosos de o verem, que de todos el-rei era querido; e, depois que tratou das

coisas do reino e do que à sua fazenda cumpria, a cada um mandou para as suas terras. Passado tempo chegaram a palácio três homens sabedores daquilo que a el-rei tornava cuidoso, por práticos serem na leitura dos astros; e, tendo-os levado à capela, onde lhes fez jurar que tôda a verdade diriam sem lhe esconderem dura verdade, contou-lhes el-rei o sonho, guardando-se de dizer onde e como o tivera, e começaram os mestres a futurar. Havendo falado dois dêles, dizendo cada um o que lhe parecia, Ungan o Picardo, que era o mais sabedor, começou por dizer:

— Senhor, por-ventura vi eu já coisas que é melhor guardar para nós.

Saíram os outros, conforme o

desejo mostrado; e, quando ficou só com el-rei Perion, Ungan o Picardo falou-lhe assim:

— Ora vos quero dizer, senhor, o que encobris: amais e já vossa vontade cumpristes. E o sonho do coração deitado ao rio, quere dizer que na água será achado um filho que haveis de ter.

Agora sabei que o donzel que em casa de Gandales se criava, e ao qual chamavam o Donzel do Mar, em tanta formosura crescia que a todos maravilhava.

Uma vez, ia Gandales seu caminho e apareceu-lhe uma donzela que lhe disse:

— Ai, Gandales! se muitos altos senhores soubessem o que eu sei, cortavam-te a cabeça...

Pasmou o bom cavaleiro.

— Porque em tua casa guardas a morte dêles.

— Donzela, por Deus rogo vos expliqueis!

— Digo-te que aquêle que achaste no mar será a flor da Cavalaria: fará tremer os fortes, humilhará os soberbos, defenderá os agravados, e tudo obrará com honra. E será tambem o cavaleiro que com mais bela lialdade há-de manter seu amor!

— Ah! senhora, dizei-me quem sois!

— Sou Urganda a Desconhecida, mas não me busques que não me acharias.

E, ao passo que assim dizia, de moça formosa se mudou em velha trôpega. Isto vendo, teve Gandales

a Urganda por uma daquelas mulheres que possuem saber de sortes e encantamentos, conhecem a virtude das palavras, das águas e das ervas, e guardam o segrêdo de manter mocidade, beleza e poderio.

Voltando ao castelo, tomou Gandales nos braços o Donzel e beijou-o com lágrimas nos olhos.

E o menino, que tinha três anos e era formoso à maravilha, quis enxugar o pranto do bom senhor, do que êste se alegrou, pensando que na velhice lhe seria doce.

Quando o Donzel fez cinco anos, deu-lhe Gandales um arco à sua altura, e outro a seu filho Gandalin, com os quais os fazia atirar.

E assim o foi criando até que êle fez sete anos.

A êste tempo el-rei Languines,

de jornada no seu reino, albergou-se com a raínha no castelo de Gandales, que lhe ficava em caminho.

Mas aos donzéis mandou-os Gandales para um pátio, a fim de não serem vistos. Ora, a raínha, olhando de um eirado, viu-os em baixo jogando e, entre êles, o Donzel do Mar, de cuja formosura tanto se maravilhou que chamou as aias para que o vissem também:

— Ora vinde e vereis a mais linda criatura que nunca foi vista!

Estavam a raínha e as aias debruçadas a admirar o que viam, emquanto os donzéis iam atirando ao arco.

O donzel formoso, que parecia senhor dos outros não só por lindeza e garbo senão porque trazia vestes mais ricas, foi-se a uma bica de

água beber e, emquanto se afastou, um, mais crescido, quis tirar a Gandalin o arco com que êste atirava.

—Acode-me, Donzel do Mar!—gritou Gandalin.

Logo o mais piqueno se foi ao maior e, como o visse lutar com Gandalin, deu-lhe com o arco na cabeça e derribou-o. Foi-se o donzel ferido queixar ao aio e, vindo êste com umas correias para dar castigo, ajoelhou o Donzel do Mar e disse:

—Mais quero que me castiguem que ver padecer meu irmão.

Do eirado onde estava, a raínha viu tudo; e admirou-se do nome do Donzel como se maravilhara da sua formosura. Nêste ponto chegava el-rei, acompanhado de Gandales; e preguntou a raínha:

—Dizei-me, Gandales: é vosso

filho aquêle formoso donzel a quem chamam o Donzel do Mar?

Deu rebate o coração do bom senhor, vendo já descoberto o que êle por acautelado guardara; e respondeu pouco seguro como quem nunca mentia:

— Senhora, sim...

Continuou a raínha, curiosa:

— E por que tem tal nome?

— Porque no mar nasceu, quando eu tornava da piquena Bretanha.

— Pois, amigo, não se parece comvôsco — disse a raínha sorrindo e pensando que o seu vassalo Gandales, se era muito abastado em bondades, pouco devia à formosura.

— Chamai-o para que eu o veja — tornou ela.

Logo que o Donzel ajoelhou

diante da raínha, disse esta a Gandales:

— Sou eu que o quero criar!

Dorido no coração, e as lágrimas escondendo, preguntou Gandales ao Donzel do Mar:

— Queres ir com a raínha, meu filho?

— Irei onde me mandardes, mas comigo vá meu irmão.

— Nem eu o deixaria! — acrescentou Gandalin, que o acompanhara.

— Senhor, — disse Gandales a el-rei — tão amigos são um do outro que haveis de os levar aos dois.

Chamou el-rei Languines seu filho Agrajes e, mostrando-lhe os donzéis, recomendou-lhe:

— Filho, quero que sejas muito amigo dêstes, pois que muito o sou eu do pai dêles.

Vendo el-rei Languines os olhos de Gandales razos de água, sorriu do seu vassalo:

— Amigo, nunca eu cuidei que tão louco fôsseis!

— Senhor, não o sou eu quanto cuidais.

Então, a sós com seus senhores, contou-lhes Gandales a história de aquêle donzel, de como o achara boiando no mar com uma espada formosa, de como julgava que êle vinha de grande linhagem, e também o que dissera Urganda, que o bom senhor tinha por fada.

— Por meu o quero, se vos apraz — disse a raínha. — E pois Deus tanto cuidado teve em o guardar, razão é para lhe querermos mais.

— Filho formoso — pensava Gandales — que tão cedo começaste a

correr perigo e aventura, que eu logo amei quando te vi na arca deitadinho ao lado da espada, e agora vais servir quem talvez devera servir-te, Deus te abençôe e eu chegue a ver as maravilhas que te prometidas são!

Passados dias, partiram.

Criava a raínha o Donzel do Mar como a seu próprio filho Agrajes, e afeiçoara-se-lhe Mabília como terna irmã.

De tão bom engenho era êle que tudo aprendia melhor e mais depressa que os outros: tão certeiro cravava uma seta, como lia direito umas Horas ou cantava uma canção. A caça do monte tanto lhe aprazia que se pudera nunca a deixara.

E a raínha queria-lhe tanto que sempre a-par de si o havia.

VI

ORIANA A SEM-PAR

Soube el-rei Perion por carta de Elisena que el-rei Garinter morrera, e como em cada dia a lembrava com fiel amor, logo partiu ansioso de a esposar. Não a esquecera Perion um só dia, ainda que um tempo tardara, nem o juramento lhe saíra da memória, como cumpria a quem tanto zelava sua honra. Mas haviam-no demorado promessas antigas de cavaleiro, e só queria partir para receber conforme

a lei de Cristo aquela que esposara já no seu coração, depois de pagar tais promessas, a fim de levar a alma segura. Concertadas as coisas do reino e feitas as festas das bôdas, vieram ao reino de Gaula, onde depressa a raínha foi querida. E de Perion houve dois filhos, que se chamaram Galaor e Melícia.

Mas quantas vezes pensava Elisena naquêle menino formoso que por fôrça das coisas enjeitara! Padecia de o haver perdido, mal o chegara a ter. Temia que Deus lhe não perdoasse o feito, inda que o Senhor bem vira como ela sofrera em seu coração. Doía-lhe a maldade de haver exposto aquela vida às ondas do mar, em cujo deserto escumoso certamente perecera a tenra criatura. Via-o deitadinho na arca,

sorrindo a quem lhe estava preparando a morte, e tão esperto e lindo como quem vinha viver para em tudo vencer e brilhar. E muitas vezes, rodeada de seus filhos, entristecia a rainha com saüdades do outro.

Emquanto estas coisas se passavam, Lisuarte, grande cavaleiro e rei da grã Bretanha, aportava ao reino de Escóssia com sua mulher Brisena, e de el-rei Languines e da rainha eram recebidos com muita honra.

Traziam consigo sua filha Oriana.

Ah! senhores, dizendo êste nome, bate-me o coração mais apressado!

É que tôda esta história que se vos conta, só por amor dela se

pôde contar. E entre tôdas as Bem--Amadas nenhuma foi mais bem--amada. Nem Genevra, a quem tanto amou Lançarote do Lago; nem Brancaflor, a quem tanto quis Flores, nem mesmo a loira Iseu, por quem morreu Tristan de Leonis, foram mais adoradas que Oriana.

E, sôbre-tudo, em nenhum dêsses amores houve a candura dêste, e sua graça de mocidade em flor.

A infanta ia nos dez anos e era a mais linda criatura da terra. — Tão linda, que foi chamada a *Sem-Par*. Ora, como Oriana andasse enjoada do mar, el-rei Lisuarte, que navegava para o seu reino, deixou-a entregue a el-rei Languines e à raínha, dizendo-lhes que mandaria buscá-la quando ela tivesse cobrado mais fôrças.

A êste tempo o Donzel do Mar tinha doze anos, e em altura e fôrça mostrava quinze. Servia a raínha, mas, pois chegara Oriana, deu-lho a raínha para que a servisse.

E ela disse que o Donzel lhe agradava, e êle guardou no coração tais palavras.

De como as guardaria, esta história vo-lo mostra, porque o mais belo amor aqui dêles se conta. Mas o Donzel do Mar, não sabendo o que a infantinha sentia, tinha-se por ousado em pensar nela, vista sua grandeza e formosura; e Oriana, que tanto lhe queria, não falava ao Donzel mais que a outro, por já temer que a suspeitassem. Assim viviam encobertos, e um para o outro viviam.

Ora, o Donzel do Mar, pensando

em sua senhora e que esta lhe quereria mais se em seu serviço praticasse grandes feitos, ou por ela morresse a praticá-los, desejou ser armado cavaleiro e de isto deu parte a el-rei Languines.

Sorriu el-rei do desejo do Donzel:

— A cavalaria é leve de ter e pesada de manter.

E prometeu-lhe que o armaria quando asado ensejo houvesse.

Ao mesmo tempo enviou el-rei Languines recado a Gandales, a quem estas novas muito alegraram; e o bom senhor, que havia guardado como a um tesoiro o anel, o pergaminho e a espada, mandou-os a el-rei, contente de saber que o Donzel tanto merecia a estima dos seus senhores, e desejoso de que êle muito crescesse em fortuna.

— Senhor Donzel do Mar, — disse o mensageiro de Gandales — vosso amo vos saúda como àquêle a quem muito quere, e envia-vos êste anel, esta carta e esta espada, pedindo-vos que a espada useis sempre pela grande amizade que vos êle tem.

Descobriu o Donzel a espada, tirando-a do pano que a envolvia e admirado de que a não guardasse bainha. E, tomando-a na mão, sorriu àquela luminosa nudez.

— Donzel, — disse-lhe el-rei Languines, depois que com êle se apartou — quereis ser cavaleiro e vossa mesma história ignorais. Há doze anos vi eu essa espada, assim nua e formosa; e, pois hoje a tendes por vossa, vos convém saber como a haveis.

Contou-lhe então como êle fôra

achado no mar, com o anel ao pescoço e aquela espada ao lado.

—Senhor, já entendo porque meu amo Gandales me não mandou tratar por filho. Mas agora mais me convém a cavalaria, para ganhar honra e preço como aquêle que não sabe donde vem.

Ora, el-rei Perion veio nêste comenos à côrte de el-rei Languines, a pedir-lhe ajuda contra el-rei Abies de Irlanda, que o guerreava e já lhe tomara terras e senhorios. Prometeu el-rei Languines ajudá-lo como pudesse; e Agrajes, que já era cavaleiro, rogou ao pai o deixasse ir também. Olhava o Donzel do Mar a el-rei Perion, e nêle admirava a grande fama que el-rei havia.

E pensava que de sua mão, mais que de outra nenhuma, gostaria de receber as armas.

Lembrou-se então de Oriana para alcançar por ela o seu grande desejo. Procurou a infanta, esperando que ela estivesse apartada dos mais, ajoelhou-se-lhe aos pés e disse-lhe tremente:

— Senhora, pois el-rei meu senhor me não quis armar cavaleiro, nunca tão bem o poderia eu ser como por mão de el-rei Perion, a vosso rogo.

Oriana, que via ali diante quem mais que a si própria amava, sorriu-lhe graciosa e respondeu de alvoroçado coração:

— É a primeira coisa que me pedis, Donzel do Mar, e fazer-vo-la quero de boa-mente.

Combinou Oriana com Mabília

que o Donzel viria à capela da raínha quando todos estivessem recolhidos; e ficaram de mandar recado a el-rei Perion quando êste se levantasse para partir, antes da alva. Encontrando-se com Gandalin disse-lhe o Donzel:

— Irmão, espero receber as armas esta noite. Ora dize-me se, quando eu abalar, queres ir comigo onde eu fôr?

— Mas eu — respondeu Gandalin — nunca vos deixarei!

Beijou-o o Donzel do Mar na face e, encaminhando-se para a capela, quedou-se ante o altar, rezando. Pedia a Deus, pois lhe fôra o Senhor tão benigno salvando-o, destinando-lhe por amos tão bons senhores e mandando que ali viesse aquela por quem o seu coração

batia, que no amor de Oriana e na glória das armas lhe desse mercês de vitória.

Depois que a rainha foi dormir, Oriana, Mabília e as outras donzelas vieram acompanhá-lo. E quando chegou el-rei Perion, a quem Mabília enviara recado, disse-lhe esta:

— Senhor, fazei o que vos pedir Oriana, filha de el-rei Lisuarte.

Perion olhou Oriana e achou-a formosa sem par.

— Senhor, o dom que vos peço é que façais cavaleiro o meu Donzel.

Viu então el-rei Perion o Donzel do Mar, que aos pés do altar estava ajoelhado. Viu-o e maravilhou-se da sua formosura.

— Senhora, — disse el-rei a Oriana — de boa-mente vos farei tal dom.

E pesar-me-hia de não ser mais rica a cerimónia, se não estivesseis presente, enriquecendo-a assim.

Acercou-se el-rei Perion do altar e preguntou:

—Donzel, quereis receber a ordem da cavalaria?

—Senhor, eu o quero.

—Em nome de Deus, e que o Senhor Deus mande que tão bem empregada seja quanto vos fez formoso!

Calçou-lhe a espora direita, e disse-lhe:

—Ora cavaleiro sois. Tomai a espada!

E, entregando-lha, mal cuidava que era a sua, que por perdida houvera quando se despedira de Elisena.

Oriana sorria. El-rei Perion partiu.

VII

AMADIS DE GAULA

Armado cavaleiro, quis o Donzel do Mar partir na mesma noite. Tardava-lhe empregar aquela espâda que recebera e com que fôra achado no mar.

E olhava Oriana, a despedir-se dela... Olhava-a muito, a dizer-lhe adeus até não sabia quando! Sentia a infanta o coração aos saltos, e os seus olhos respondiam aos dêle, e tudo um ao outro diziam.

Despedindo-se, disse-lhe Oriana:

— Donzel, eu por tão bom vos tenho que vos não creio filho de Gandales...

— Senhora, no mar fui achado e vivo para vos servir!

Então Oriana encomendou-o a Deus. E Mabília, que já era e sempre havia de ser tão doce amiga dêle, disse-lhe adeus também.

À saída dos paços esperava-o Gandalin com os cavalos e as armas.

E, sem que de ninguém fôssem vistos, cavalgaram e abalaram.

Pouco adiante amanheceu-lhes e, como era no mês de Abril, estavam as árvores em flor e cantavam as aves à porfia. Lembrando-se da sua amiga, ia o Donzel do Mar pensando:

— Pobre Donzel sem linhagem nem bem, como ousaste escolher aquela que em linhagem e formo-

sura todas as outras vale? Mais formosa é ela que o mais belo cavaleiro armado, brilha mais sua bondade que a riqueza dos maiores tesouros — e tu, pobre Donzel, não sabes mesmo quem és, e só te cabe calar o amor, morrer de amor antes de o confessar!

E com êstes e outros pensamentos, cavaleiro e escudeiro meteram-se a caminho de aventuras.

Senhores, não nos demoraremos nos primeiros feitos do Donzel do Mar. Se eu vos contasse, agora ou mais tarde, todos os feitos do herói, a história alongar-se-hia e encurtava-se a vontade de a ouvir.

E quando me decidi a contá-la, logo pensei em a não fazer com-

prida, a fim de que a escutasseis de boa-mente.

Mas sabei que sem demora fez belas proezas o moço cavaleiro, e que aquela desconhecida Urganda que uma vez aparecera a Gandales e profetizara a glória do menino, lhe apareceu também a êle e lhe fez dom de uma lança.

Embarcando para a piquena Bretanha, tempos depois foi o Donzel ter a um castelo onde se pelejava bravamente. E viu que eram muitos contra um só, que já mal se defendia de tantos golpes. Correu logo o Donzel a defender o cavaleiro cercado, derribando à sua volta muitos dos que atacavam. E no cavaleiro reconheceu el-rei Perion de Gaula. Vendo-se socorrido, el-rei Perion ganhou novo ânimo, e o

Donzel e êle desbarataram os covardes que haviam feito a traição, e eram por el-rei Abies de Irlanda.

Quando o Donzel do Mar tirou o elmo, por muito lho pedir el-rei Perion, êste reconheceu no moço cavaleiro o donzel a quem tempos antes dera as armas.

—Amigo, louvo a Deus de por vós haver feito o que fiz!

—Senhor, logo vos reconheci. Se vos aprouver, servir-vos-hei na guerra de Gaula, e até lá não quisera eu dar-me a conhecer.

—Amigo, parece-me maravilha o que acontece!

Juntos seguiram para palácio, onde o Donzel foi agasalhado com muita honra e curado das feridas que recebera.

E logo se aperceberam para

a guerra que el-rei Abies fazia àquêle reino, estando já com sua hoste às portas do burgo.

Concertada a batalha, por três dias pelejaram com sanha os de um e outro campo; aos senhores de Gaula tinham vindo juntar-se os de Normândia contra os de lrlanda, e a êstes levava-os el-rei Abies. Era êste rei de tão desmarcada estatura que excedia um palmo os mais altos cavaleiros. No seu escudo figurava, em campo azul, uma cabeça de gigante decepada, em memória da que el-rei decepara àquêle com quem combatera. E enorme no seu grande cavalo, coberto com o escudo sangrento, el-rei Abies era medonho.

Num passo da batalha, quando os de Irlanda carregavam os de

Normândia e Gaula e êstes já recuavam, encontraram-se frente a frente o Donzel do Mar e aquêle rei; e entre o fragor da peleja requereram-se os dois ao combate.

À poderosa estatura de el-rei Abies respondia a esbelteza forte do Donzel, e carregavam-se ambos de golpes que cortavam os escudos, amolgavam os elmos, desgüarneciam os arneses.

Resfolegando furioso sob os golpes e vendo que os que dava não derribavam aquêle inimigo fino e de aço, el-rei Abies gritara-lhe:

— Tanto te desamo quanto te prezo!

Prosseguia entanto a batalha, e os de Gaula com os de Normândia carregavam agora os de Irlanda, aos quais mingüava o esfôrço do seu rei.

Mais furiosos que antes, atacaram-se o Donzel do Mar e el-rei Abies. Á grande fôrça de el-rei desconcertava-a a móbil destreza que o acometia. Rachou-se de um golpe o escudo sangrento, e Abies recuou com sanha e vergonha, dando-se já por perdido. Emfim, um golpe o lançou do cavalo e, vendo-o por terra, bradou-lhe o Donzel:

— Abies, dá-me a tua espada, ou morres!

— Morro mas é de vergonha! — tornou-lhe êle, rendendo a alma.

Já os de Irlanda tinham perdido os seus melhores cavaleiros, e os de Normândia e Gaula haviam desbaratado os invasores.

Ao lado de el-rei Perion entrou o Donzel do Mar na cidade em festa

e o povo, que o via passar, salvava-o e dizia:

—Mantenha-vos Deus, Donzel!

E exclamava maravilhado:

—Deus, como é formoso! O Senhor lhe dê ajuda e honra para que sempre como hoje batalhe!

Emquanto o Donzel do Mar livrava a terra de Gaula, chegavam à côrte de el-rei Languines cem cavaleiros de el-rei Lisuarte, e muitas donas e donzelas, que iam buscar Oriana.

Partiu a infanta, acompanhada também de Mabília. Mas antes vira o pergaminho enviado por Gandales, e alegrou-se de saber que o Donzel era filho de rei e se chamava Amadis.

Ora, senhores, de certo vos lembrais daquêle anel que Perion dera a Elisena, no tempo dos seus amores. E como Elisena se pejara de contar a el-rei Perion que tivera um filho e o deitara ao mar, dissera-lhe que perdera o anel que êle lhe havia dado. Uma vez, passando o Donzel do Mar por uma sala dos paços, viu Melícia chorando e preguntou-lhe o que tinha. E a menina respondeu-lhe que perdera o anel que seu pai lhe dera a guardar emquanto dormia.

Tirou o Donzel do Mar o que trazia no dedo e deu-lho para a consolar.

— Mas êsse é o que eu perdi!

— Não é, mas se tanto se assemelha, melhor vos remediará.

Quando el-rei Perion quis o

anel, Melícia deu-lho e calou-se; mas Perion achou o outro, que era, como sabeis, igualzinho. Chamando à-parte a menina, mostrou-lhe el-rei os dois anéis, ordenando lhe explicasse como houvera o outro e olhando-a com tão carregado cenho que ela, temendo castigo, contou-lhe logo como houvera um dêles. Então teve Perion um mau pensamento, quanto injusto e cruel para Elisena! Com o semblante mudado, buscou a rainha e, dando-lhe mostras do que suspeitava, ameaçou-a de morte.

Ouvindo Elisena a horrenda suspeita, feriu com as mãos o rosto e, chorando, não podendo mais, contou-lhe que tivera um filho e o deitara ao mar, com a espada ao lado e aquêle anel ao pescoço.

— Por Santa Maria! — disse el-rei

Perion. — Creio que é êste o nosso filho.

E num súbito recôrdo veio-lhe à memória o sonho que tivera aquela noite, quando esperava Elisena e ela viera a êle; e viu como certo saía o que Ungan o Picardo futurara.

Foram-se logo à câmara onde o Donzel do Mar ficava; e o Donzel dormia. Mas emquanto dormia, chorava, do que êles se maravilharam.

— Sabei, senhores, que eram saüdades de Oriana.

Olhou Perion a espada pendida à cabeceira e logo a reconheceu por sua, que nunca outra tão boa houvera.

Nêste ponto acordou o Donzel do Mar, e ficou-se turbado de os ver.

— Ai! senhor, — disse a raínha — acudi-me na dor que tenho!

— Senhora, se o meu serviço vos pode remediar, dizei-o, que o farei até à morte.

— Dizei-me: de quem sois filho?

— Senhora, por Deus que o não sei. Acharam-me no mar por grã ventura...

Então disse a raínha, chorando:

— Vês aqui teu pai e mãe!

E, ajoelhada ante Amadis, a mãe beijou-lhe as mãos, dando graças a Deus.

El-rei Perion fez côrtes e apresentou-lhes Amadis de Gaula.

Depois seguiram-se grandes festas em louvor daquêle milagre que o Senhor Deus obrara, e ordenou el-rei Perion muitos jogos e alegrias e concedeu muitos dons. Mas Ama-

dis só pensava em partir. Bem fizeram seu pai e sua mãe pelo deter, mas Amadis pensava em Oriana, — senhores, com que saüdades!

E, acompanhado do fiel Gandalin, embarcou para a grã Bretanha.

VIII

NA CÔRTE DE EL-REI LISUARTE

IA Amadis à côrte de el-rei Lisuarte, e de caminho praticara belos feitos, espalhando justiça e bem-fazer.

Ora, uma noite, não achando pousada e vindo de atravessar uma floresta, foi bater a um castelo que tinha luz e de onde saía alarido de festa, com matinada de quem ia bebendo.

Era o castelo de Dardan o Soberbo, o mais fero cavaleiro da grã

Bretanha, e tão mau homem quanto esforçado em batalha. E foi êle mesmo quem, respondendo com a soberba voz das altas ameias, negou pousada a Amadis que lha pedia.

Enfureceu-se o moço cavaleiro, que era flor de cortesia; e a Dardan prometeu que inda em outro logar se haviam de ver.

Ao romper de alva, e depois que passou a noite na floresta, veio Amadis a saber, por umas donzelas com quem foi de caminho, a feia história de Dardan o Soberbo.

Amava êle uma dona daquela terra, a qual, resistindo ao desejo do que a requeria e servindo-se da fama de bravo que êle tinha, lhe fizera prometer ruím serviço. Porque esta dona tanto desamava a sua

madrasta viúva, que queria haver por seus os bens que eram daquela. E a Dardan dissera a sua amiga que só dêle havia de ser no dia em que a levasse à côrte de el-rei Lisuarte, aí dissesse que a ela pertenciam os bens de sua madrasta e o provasse em batalha a quem dissesse o contrário. E Dardan assim o prometera fazer no seguinte dia.

Mas a dona viúva não viria a ter quem combatesse por ela, que a todos Dardan metia respeito. Alegrou-se Amadis com tais novas, e logo determinou combater com o Soberbo. — E sorria de pensar que a batalha se daria diante de Oriana!

Assim foi andando até chegar a Vindilisora, que era onde estava el-rei Lisuarte. Torneando a vila sem que o houvessem visto, subiu a

um outeiro; e de aí, sentado à sombra de uma árvore, via em baixo o castelo, e ficava-se a olhar, com lágrimas nos olhos.

Era ali que estava Oriana: e êle tanto a queria ver, que se arreceava também de a encontrar; só por ela viera, como só por ela vivia; e agora, sabendo-a tão perto, quási quisera partir, morrendo entanto por vê-la...

Mas Dardan o Soberbo chegara à côrte para dar sua batalha.

El-rei Lisuarte, com a companhia de homens bons, encaminhou-se para o campo cerrado. E Dardan entrou, trazendo à rédea o cavalo da sua amiga, que vinha soberba também.

— Senhor, — disse êle a el-rei —

mandai entregar a esta dona o que outra guarda e a esta pertence. E se houver quem diga o contrário, comigo combaterá!

Preguntou el-rei Lisuarte à viúva:

— Dona, haveis quem combata por vós?

— Senhor, não — disse ela chorando, do que el-rei houve pena porque era boa dona.

Olhava Dardan em roda e não via quem combatesse com êle; todos lhe queriam mal, mas todos o temiam. E esperava o juízo de el-rei, dado conforme o costume...

Então, da orla da floresta um cavaleiro saíu.

Cavalgava um formoso corcel branco, resplandecia-lhe o elmo e as suas armas brilhavam à luz. Á sua vista todos se maravilharam, e

diziam que nunca tinham visto tão belo cavaleiro armado.

O cavaleiro foi direito a Dardan, e disse-lhe:

— Dardan, defendo quem tu acusas! E ora cumpro a promessa que te fiz.

Preguntou el-rei Lisuarte à dona viúva se outorgava seu direito àquêle cavaleiro.

— Senhor, sim! E que Deus o ajude!

E el-rei mandou que pelejassem.

Arremessando-se de espaço um contra o outro, Amadis e Dardan quebram as primeiras lanças. Depois, como os cavalos já cansam, combatem à espada e dão tão feros golpes que o aço dos elmos faísca e parece que as cabeças ardem!

Começa Dardan a deter-se, e Amadis carrega-o de golpes.

— Mas quem será o cavaleiro — pensava o povo, seguindo a luta — que à fôrça soberba de Dardan opõe tanta fôrça formosa?

E a alguns que o estavam vendo e reparavam no que Amadis tinha a modo de resplandecente, afigurava-se que êle seria da Cavalaria do Céu.

Sob os golpes que lhe chovem e lhe cegam a sanha, vai Dardan recuando até debaixo das janelas onde as damas assistem ao combate.

E eis que, erguendo os olhos, Amadis vê Oriana!

Ah! senhores, sentis tudo que estas palavras guardam?

Amadis viu Oriana! Não a olhara êle desde a noite em que recebera

as armas e em que por amor dela partira a caminho de aventuras, cavaleiro pobre e sem nome. E agora voltava a vê-la, e de olhá-la esquecia o fero inimigo que tinha ali diante, naquêle campo cerrado.

Já Amadis fere poucas vezes, e cresce Dardan na sesão do furor! Cuida o Soberbo que a vitória é sua e, a espertar-lhe a sanha, pensa que da vitória depende o haver o corpo da sua amiga, por que viera ali a manter dolo e mentira.

El-rei e o povo, que olham a batalha, por momentos descoroçôam de que ela acabe como intimamente estão pedindo a Deus.

É que Amadis ergueu os olhos e não os pode despregar de onde os tem . . .

— Se eu morrer — pensava êle — morro por ela, e a vê-la!

Mas, ah! senhores, assim como Oriana o ia perdendo, Oriana o salvou: porque Amadis lembrou-se que a fraqueza podia ser julgada covardia. Então, como acordando de um sonho, sentiu que lhe afluía ao sangue uma fôrça invencível. E, crescendo para Dardan, arrancou-lhe o elmo de um golpe e o Soberbo rolou morto no chão!

Quando o combate acabou, com grande alegria de todos, disse Oriana a Mabília:

— Adivinha-me o coração que êste cavaleiro é Amadis, pois tempo é de me êle buscar!

— E eu assim o cuido também —

disse Mabilia, contente de ver contente a sua amiga e por ser tão amiga de Amadis que o era tanto ou mais que de Agrajes, seu irmão. — Não vistes como parou em meio do combate a olhar para a vossa banda?

— Se vi! — tornou-lhe Oriana. — E batia-me o coração que perdia quási o acôrdo!

— Pois se êle é Amadis, não tardará com recado.

Ao mesmo tempo Amadis, descansando na floresta, dizia a Gandalin:

— Amigo, vai a palácio sem que te veja ninguém; que Oriana saiba que estou aqui e me diga que farei.

Gandalin, a furto, falou a Mabília, que o levou a Oriana:

— Onde está teu senhor? Que é feito dêle?

— Senhora, dêle será o que quiserdes, pois por vós morre de amor!

Então Oriana ensinou-lhe que nessa noite viria Amadis ao vergel para onde deitava a câmara em que ela dormia, e que a uma janela de rexas de ferro se poderiam falar.

Quando a noite caíu, penetrou Amadis no vergel, seguido de Gandalin, que ficou de esculca, vigiando. Olhou por todos os baixos do alcáçar, buscando a lucerna prometida, e logo lobrigou a janela onde ela luzia e o chamava. Acercou-se e, através das grades, viu Oriana!

Vestia a infanta um brial de seda azul com flores de ouro, e estava formosa sem par.

— Meu senhor, sêde bemvindo...

Ele olhava-a, e o coração não o deixava falar.

— Meu senhor, sêde bemvindo, e sabei que alegria tive com as novas que me chegaram.

Disse-lhe então Amadis:

— A mercê que vos peço não é para meu descanso: — é que me deixeis servir-vos e viver só para vós!

Oriana tornou-lhe:

— Mas de mim não hajais tal cuidado que eu vos dê tristeza e dor.

— Senhora, em tudo obedeço, nisso não posso...

Com os seus olhos formosos, os mais formosos da terra, olhava-o Oriana, revendo-se nêle.

— Meu senhor, e que vos impede?

Beijando aquelas mãos, as mais lindas mãos que havia, e estavam fora das grades a falar também para

êle no fino gesto dos dedos, Amadis respondeu:

— O meu coração!

E levando as mãos de Oriana aos próprios olhos, Amadis banhou-as de lágrimas, feliz de tanto sofrer o gôzo do seu desejo.

Nêste ponto apareceu Gandalin e disse que a alva não tardava.

No seguinte dia entrou Amadis em Vindilisora, e todos o salvavam ledos e diziam:

— É o cavaleiro que venceu Dardan!

Saíu el-rei Lisuarte a recebê-lo com honra, acompanhado de muitos homens bons.

— Amigo, sêde bemvindo!

— Senhor, Deus vos dê alegria!

E, como Oriana o quisera, ficou Amadis na côrte para servir a raínha, — senhores, para a servir a ela!

IX

ARCALAUS

Determinou el-rei Lisuarte fazer côrtes, a fim de bem ordenar as coisas do seu reino, por grande honra e proveito de todo o senhorio.

Mandou el-rei aperceber os homens bons para que com êle fôssem em Londres no dia de Santa Maria de Setembro, e a raínha enviou recado às donas e donzelas.

Ora sabei que havia na grã Bretanha um arte-mágico, votado às

malas-artes e em más obras useiro. Enredado uma vez em suas manhas, derrotara Amadis o poder do encantador. E Arcalaus, que assim se chamava o feiticeiro, jurara vingar-se dêle e perder el-rei Lisuarte, a quem grande ódio havia. Ouvide a traição que êle fez, e que a graça do Senhor seja comnôsco.

Procurou Arcalaus a Barsinan, senhor de Sansonha, e disse-lhe em segrêdo:

— Barsinan, senhor, queira-lo tu e serás rei da grã Bretanha!

Respondeu Barsinan que lhe convinha e quis saber como faria.

Mas Arcalaus só lhe dissera:

— E terás Oriana por mulher!

Estava el-rei Lisuarte na sua

côrte, apercebendo-se para partir para Londres, quando chegou um rico mercador que muito lhe queria falar.

Ajoelhando diante de el-rei, disse o mercador:

— Senhor, eu vos trago aqui o que a um grande rei como vós convém!

E, abrindo uma arqueta que trazia, tirou uma corôa tão formosa que a el-rei foram-se-lhe os olhos no ouro e na pedraria, que era bela á maravilha.

— Senhor, — disse o mercador — crêde que esta obra é tal que nenhum dos que hoje lavram ouro e cravam pedras a poderia fazer de suas mãos.

A raínha, que olhava, disse logo:

— Certo, senhor, esta formosa corôa vos convém!

Continuou o mercador:

— E para vós, senhora, trago êste manto.

E isto dizendo, tirou da arqueta um manto tão bem obrado como a corôa e formoso como outro jàmais se vira, orvalhado de aljófares e com tôdas as aves do mundo bordadas na mais rica pedraria.

—Assim Deus me valha, amigo,— disse a raínha — que êste manto parece que o bordou a mão daquêle Senhor que tudo pode!

— Senhora, bem podeis crer que a êste manto o bordou mão da terra, mas outro não há assim formoso e, por o eu saber, vo-lo trouxe.

Tornou logo a raínha a el-rei:

— Certo, senhor, êste formoso manto me convém!

Disse então o mercador:

— Senhor, não sei eu quanto valem êstes dons, nem tempo tenho para me agora deter. Mas levai-os às côrtes de Londres, que êles vos darão mór alteza. Basta-me a vossa palavra, cujo preço, senhor, se conhece. E por êles me dareis o que vos eu lá pedir, ou, não mo querendo dar, a corôa e o manto me restituïreis.

Disse el-rei que aceitava. — Foi o brilho das pedras que o cegou. E pelo haver aceitado, vereis que dores lhe virão.

X

O PRIMEIRO BEIJO

Fizeram-se as côrtes em um grande campo bem plantado de árvores, e a cadeira real, em meio do campo, estava coberta com um pano de sirgo semeado de tantas estrêlas quantas nêle podiam caber. Em redor havia muitos panos ricamente lavrados com variadas histórias e lavores.

E el-rei Lisuarte falou aos homens bons:

—Senhores, assim como Deus me

fez rei, assim devo para seu santo serviço fazer coisas mais louváveis que outro nenhum. Dizei-me, pois, o que os vossos juízos alcançarem, para por mim e por vós ganhar mais honra.

Na tenda onde el-rei se achava, estavam com êle Amadis, seu irmão Dom Galaor, — que Amadis trouxera àquela côrte, depois de o socorrer em muitos perigos, — e estava também Barsinan, senhor de Sansonha, e homem tredo.

(Mas el-rei, que falava seguro, tinha no coração grande cuidado: porque, quando fôra a abrir a arqueta para tirar manto e corôa, achara a arqueta vazia, inda que cerrada estava.)

Então, em resposta a el-rei, falaram os homens bons; êle a todos

ouvia, e resolviam-se os pleitos. Já porém sôbre o rei, tão gracioso e lial, e sôbre os seus a quem muito queria, pesa a traição de Arcalaus, que tece o fio da trama. Assim foi que uma donzela, em pranto e tôda coberta de dó, se foi queixar a el-rei de males que lhe faziam. Contou como seu pai fôra preso no castelo de Guldenada, sem culpa êle e ela sem defensão.

E a todos moveu à piedade e à vontade de a servir.

— Escolhei de êstes cavaleiros — disse el-rei — quais irão em serviço vosso.

— Senhor, sou de terra estranha e escolhê-los não sei; mas peço à raínha mos dê, que bem os conhece por seus.

A raínha, que houve piedade, escolheu Amadis e Dom Galaor.

Começa Arcalaus a vencer, porque Amadis deixa as côrtes e Oriana fica só!

Ora, ao quarto dia da partida de Amadis, estando el-rei Lisuarte com muitos homens bons e donas e donzelas, adiantou-se o mercador, que ajoelhou e lhe disse:

— Senhor, por que não trouxestes a corôa e o manto que vos entreguei?

Calou-se el-rei, turbado.

— Senhor, apraz-me que mos pagueis ou mos torneis a dar, à fé do que tratamos.

Atalhou el-rei Lisuarte:

— Amigo, não vo-los posso dar porque os perdi.

Finjiu o tredo Arcalaus que lhe doía a nova como indo nisso a sua

mesma vida; e, dando-se por perdido, maldizia a sua sorte e arrepelava as barbas com dor.

Tornou-lhe el-rei Lisuarte:

— Mas dizei-me já seu preço, que vo-lo pagarei de contado.

Recolheu-se a pensar consigo o mercador, e ao cabo de alguns instantes disse a el-rei:

— Senhor, bem me custa dizer-vos quanto me a mim deveis: mas sabei que só salvarei a vida se me derdes o manto e a corôa, ou, por escambo de êles, a vossa filha Oriana!

À roda os homens bons, as donas e as donzelas, todos tinham os corações cheios de dor; e alguns iam arrancar das espadas, quando el-rei, com um sinal, ordenou que estivessem quedos.

Então, ao mercador que esperava, el-rei Lisuarte respondeu:

—Amigo, de mais me pedis! Mas antes eu perca a filha que a palavra. Porque, perdendo a filha, perco o que a mim e a mais alguns custa e dói; mas, perdendo a palavra, a todos faria dano, dando exemplo com que ninguém de ora-avante respeitasse as leis da honra.

E mostrando-lhe Oriana, que desfalecera, el-rei disse a Arcalaus:

—Eis o preço que requereis!

Arcalaus tomou a infanta nos braços e, seguido de cinco cavaleiros, cavalgou e desapareceu.

Entretanto Amadis e Galaor sofriam traição no castelo de Guldenada, e com a ajuda de Deus esca-

pavam às tramas do encantador. Já a caminho de Londres, recebeu Amadis o aflito recado de Mabília e por êle soube que Oriana era roubada.

— Ai, Santa Maria, valei-me!

Corre Amadis em busca do seu bem.

Interroga no chão o rasto dos cavalos, acha uma traça e corre, e perde-a e descoroçôa, e cuida mais adiante ir já por ela . . .

Mas o Senhor Deus não deixa sem amparo as almas puras, nem sem ajuda contra as malas-artes os bons filhos seus que elas enredam.

Ao fim de muito andar, viu Amadis um lenhador que tinha a sua cabana à borda do caminho. Como era noite fechada, ali se recolheu, e deitou o cavalo a pastar.

Contou-lhe aquêle homem que vira passar de longada cinco cavaleiros armados, com um à frente que levava uma donzela.

— Amigo, e como era a donzela?

— Senhor, formosa sem par!

Mais lhe disse que tinham atalhado ao caminho do castelo de Grumen, um primo de Dardan que fôra morto em casa de el-rei Lisuarte.

Nêste passo a alva rompia; Amadis cavalgou e partiu a caminho do castelo de Grumen.

Escondido na espessura de uma cerrada mata, espiava Amadis desde as árvores o castelo, torvo nos muros grossos. E não tardou muito que visse um cavaleiro que a uma tôrre viera mirar o campo em roda. Depois a porta do castelo abriu-se, saíram cinco cavaleiros bem arma-

dos, e Amadis viu Oriana nos braços do encantador.

—Ai, Santa Maria, valei-me!

Ora julgai como seriam os golpes de Amadis!

Ao primeiro, que era Grumen, o senhor do castelo, trespassou-o Amadis com a lança, de sorte que ferro e fuste lhe saíram a outra parte; tomando a espada que lhe fôra companheira no mar, fendeu ao segundo a cabeça traidora; ao terceiro, que resistir-lhe queria, derribou-o com sanha pelos peitos; e aos outros dois, que já desandavam, acutilou-os pelas espáduas refeces.

E assim ficaram os cinco semeando o caminho com bravas feridas abertas.

A Arcalaus não o pode Amadis ferir como àquêles, porque êle foge

e leva consigo — Senhor! — todo o seu bem!

Mas persegue-o, ladeia-o, envolve-o, e como o tredo se teme da espada cristã que rebrilha, Amadis arrebata-lhe dos braços Oriana — Oriana a Sem-Par!...

Diante dos maus cavaleiros, mortos por terra com disformes gestos, Oriana estremeceu; e Amadis, ajoelhado a seus pés, disse-lhe com doçura:

— Quanto mais custa morrer de amor!

Respondeu-lhe a infanta:

— Fazei como quiserdes, que bem fareis; e, se parecer pecado, não o será para Deus.

Ia Amadis gozando pela vez pri-

meira êste bem sem igual de se achar só com a bem-amada.

Ali com ela, tendo-a salvo do horrendo perigo a que a arrastara mal precavida promessa e conquistando-a em batalha no momento em que ia perder o seu bem, sentia Amadis no coração tão grande ventura que esta quási o empècia de a gozar, tão grande era.

E aínda ali Amadis amava a furto, se não já por temor dos homens, por temor do amor.

Assim fôram andando até à orla da mata, levando Amadis pela rédea o cavalo em que a infanta montara. Mas sentia-se Oriana tão cansada, como quem não dormira a passada noite, que Amadis se encaminhou para um vale onde corria um ribeiro entre a erva viçosa.

— Passai aqui a calma; descansai nesta frescura.

Emquanto Amadis se desarmava, Oriana adormeceu à sombra das árvores.

Chegou-se Amadis devagarinho e, vendo-a tão linda e ali sòzinha, ficou-se a olhá-la.

Oriana, acordando, sorriu.

E então, mais por ela o querer que por êle o ousar, a donzela se fez dona sôbre aquela cama verde.

Bem abraçados se tinham, e do amor o amor crescia — puro amor, amor sem fim!

XI

BRIOLANJA

JÁ Oriana voltou a casa de seus pais, salva de tantos perigos. Já el-rei Lisuarte, contra quem Barsinan tramara aleivosia, retomou seu senhorio com maior alteza e honra, e castigou o tredo.

Junto da sua amiga, goza Amadis com ela o bem do amor escondido. Mas a honra da palavra dada manda-lhe que se aparte do seu bem — senhores, com que saüdades!

Porque — sabei-o — um dia fôra

Amadis ter ao castelo de Grononesa, e aí soubera a triste história da linda princesinha Briolanja.

Fôra esta esbulhada do seu reino por horrenda felonia, quando o pai tivera morto às mãos de um próprio irmão que cobiçava a corôa. E como não havia mais filhos, ali ficara a linda princesinha sem defensão nem amparo. Para memória daquela traição, tinham alguns vassalos fiéis levantado no castelo uma figura de pedra que representava o rei morto, coroado e de espada na mão. E aínda ali não viera cavaleiro que pelejasse pela princesinha; e esta, tão triste em tenros anos, vivia esperando por êle, olhando a estátua de pedra.

Dissera então Amadis que havia de ser êle o cavaleiro esperado; e

prometeu a Briolanja voltar para lhe reaver o reino de seu pai.

Ah! na má hora prometera êstes liais serviços Amadis. E quando a Oriana rogou lhe deixasse ir fazê-los, mal sabia que dor lhe viria, e quanto injusta, Senhor!

Vai Amadis nos vinte anos; a formosura que tem realçam-na agora os nobres sinais das armas. E é já sua fama tão grande, que com êle resplandece.

Desde que o olhara, e sendo tão menina, quis-lhe Briolanja com perdido amor; e agora, tornando a vê-lo, sente que lhe quere mais.

Junto dela, e servindo-a na guerra, guarda Amadis a fé do seu amor.

E nem um breve momento, à luz

do sol ou da lua, deixa de só viver para Oriana a Sem-Par.

Mas ao amor depressa vem o enrêdo, mesmo ao amor de Amadis, fiel como outro não há. Assim foi que um pagem de Amadis contou na côrte de el-rei Lisuarte — e não o dissera por mal, mas porque certo o julgava — que seu senhor amava a princesinha formosa e por amor se fôra a conquistar-lhe o reino.

Quando a Oriana chegaram êstes dizeres do pagem, sentiu no coração queixa mortal. Em vão Mabília, a de fiel conselho, lhe mostrava a razão e a verdade. Oriana crera na traição e não ouvia conselho nem a razões atendia.

Ora, emquanto Oriana padece e guarda no coração a injusta sanha,

ouvide como Amadis padecia por lhe ficar fiel até à morte.

O amor de Briolanja, que êle não quere, quere-o a êle com mais amor, a que se acresce a gratidão que lhe tem, senhora do seu reino como é já. E tanto se dói de lhe querer, que o senhor infante Dom Afonso de Portugal — filho do bom trovador e que depois foi tão belo cavaleiro no Salado — se amerceou da linda princesinha e, por piedade dela, mandou pôr no romance um passo de sua feição.

E bem podemos cuidar que ao trovador de Amadis dissera o bravo infante, dando mostras de fino coração, o mesmo que mais tarde havia de sangrar ao ter de ser cruel para o *Colo de garça:*

— Amigo, hei grande sabor dos

feitos de Amadis e de tudo que haveis bem contado. Mas por minha fé juro que, por sua grande bondade e formosura, não há-de ser Briolanja tratada de tal guisa!

— Senhor, — tornara-lhe sério o cavaleiro-poeta — mas vossa mercê bem sabe que até à morte será fiel Amadis à sua senhora Oriana!

— Pois, amigo, cobremos o remédio, e isto mudai na história que vos fará sempre louvado dos homens bons que vos agora lêm e lerão adiante!

E assim se concertou que Amadis, preso em uma tôrre até que a Briolanja quisesse por amiga, enviara recado a Oriana, pedindo-lhe licença para se resgatar.

E que Oriana, outro modo não vendo de o livrar, dera a licença

requerida, do que Briolanja houvera dois filhos de um só ventre.

Remediava desta guisa a ambos o senhor infante Dom Afonso de Portugal: — a Amadis, por não quebrar fé jurada; a Briolanja, por a servir no desejo.

Mas ah! senhores, é outra a verdade. A verdade é que Amadis, preso em uma tôrre pelo que ouvistes, perdeu o comer e o dormir e perto estava da morte.

Então, temendo matá-lo, Briolanja soltou-o. E Amadis foi fiel a Oriana a Sem-Par!

XII

AS PENAS DE AMADIS

ACONSELHADA pela sem-razão, e escondendo a Mabília o que fazia, escreveu Oriana a Amadis.

Chamou Durin — irmão de uma boa donzela da Dinamarca que na côrte havia muito morava — e ordenou-lhe que levasse a carta ao reino de Briolanja e lhe não trouxesse resposta.

Entretanto Amadis, com seus irmãos Galaor e Florestan, com Agra-

jes e outros belos cavaleiros, ganhara a Ilha Firme, que fôra de Apolidon, ali outrora arribado, vindo das ilhas da Grécia, e dela tomara senhorio com seus palácios e tesouros.

Partiu Durin e, chegado que foi à Ilha Firme, chamou Amadis a furto onde não fôssem vistos e deu-lhe a carta.

Quando êle acabou de a ler — tão crua era! — sentou-se nas ervas do chão, perdida a côr e a firmeza.

— Amigo, mandaram-me outro recado?

— Senhor, não.

— Mas levareis meu mandado?

— Senhor, não o levarei.

Releu Amadis a regra que dizia: «Não me apareçais diante, nem me busqueis, nem me deis novas.»

E então disse:

— Senhor Deus, por que vos apraz matar-me?

Ao fiel, caro Gandalin, que chorava de o ver chorar, Amadis, despedindo-se, dissera:

— Gandalin, amigo! Criou-nos o mesmo leite e teus pais me quiseram como a filho. Agora, que vou morrer, ouve a minha vontade: esta Ilha Firme, que eu ganhei, a ti a dou para que a ela tragas como senhores teu pai e mãe. Amigo, não me procures, que não nos veremos mais!

E Gandalin, transido de dor, viu-o partir sem elmo, nem escudo, nem lança, nem espada!

Vai Amadis andando e não sabe aonde.

É o cavalo sem govêrno que o guia.

Amadis não tem rumo porque o perdeu com o amor.

Descem dos montes, lentas, as sombras e deitam-se ao comprido na terra solitária. Amadis caminha e alonga no meio delas a aparência do seu vulto.

— O meu amor — pensava êle ao passo que a luz desfalecia — é como a sombra: *quanto vai sendo mais tarde, tanto vai sendo maior!*

O cavalo endireitou a uma floresta e penetrou na funda espessura.

Deixa-se ir Amadis ao sabor das suas penas. Anoiteceu. Assim vagueia metade da noite na rumorosa escuridão das árvores.

E desta noite em que vai, mais cerrada que a outra que o cerca, só acorda quando um ramo lhe bate rijo nos olhos.

Apeia-se, deita-se, e no escuro a voz mistura-se ao pranto que chora à maravilha:

— Oh meu senhor Gandales, bom, lial cavaleiro meu amo! Por que te aprouve recolher aquela piquena coisa que lá ia sôbre as águas do mar?

Ao outro dia, caminhando à ventura por uma verde campina, encontrou Amadis um ermitão que descansava ao pé de uma fonte, onde dera de beber ao seu asno.

Cobria-o um pobre hábito tecido de lã de cabra, e espalhavam-se-lhe nos peitos as cãs mui alvas.

Preguntou-lhe Amadis se êle era monge, e como o bom velho lhe tornasse que há quarenta anos o era,

apeou-se o cavaleiro e, de joelhos, beijou os pés do homem de Deus.

Doeu-se o velho monge da pena que via em tão moço e formoso senhor:

— Meu filho, se de arrependido chorais por pecados que hajais cometido, boas as lágrimas são.

Pediu-lhe Amadis que o ouvisse de confissão, e ali lhe contou da sua vida assim o bem como a dor.

— Meu filho, se os bens temporais são fumo que o vento semeia, que serão prazeres de mulheres senão um fumo mais vão?

E foi-o admoestando com palavras sisudas, que lhe a idade e estado aconselhavam, mas também com o jeito brando que rende almas queixosas. Disse-lhe que cuidados tais os reprovava êle por desgarrados;

que a mocidade e o valeroso rasgo o deviam de consolar de semelhantes males, os quais em verdade provinham de coisas que não acrescentavam o serviço de Deus; que o pecado começa por fazer doce o que depois com seu travor tão amargoso torna; e mais lhe disse que não havia no mundo mulher nenhuma merecedora de que por ela se viesse a perder um homem como êle.

—Meu pai, nessa parte não vos peço eu conselho; só vos peço que cureis da minha alma.

Rogou-lhe então Amadis que o levasse consigo onde fôsse, pois sentindo-se a ponto de morrer, precisava do socorro divino.

—Meu filho, moro em logar esquivo e trabalhoso, em uma ermida posta em alta penha que se adianta

sete léguas no mar. Para se lá viver é mister despedirmo-nos do mundo, dos prazeres e vícios que tem. A terra é deserta e, do lado da água, só em tempo macio de verão se logra desembarcar. E eu vivo de esmolas...

Respondeu Amadis que muito lhe aprazia quanto escutara, pois para si se acabara o mundo; e tornou a rogar-lhe que o levasse, ou êle iria morrer nos algares dos montes, desesperado e sòzinho, perdendo a alma. Conveio por fim o monge em o levar; e, erguendo a mão, abençoou-o.

Rezou o ermitão as vésperas e, ao cabo, tirou de um alforge uma escassa merenda que repartiu com Amadis. Não comia êste há três dias, mas recusou o bocado, do que

o santo homem lhe ralhou, fazendo que um pouco comesse.

Anoitecia entrementes; o ermitão deitou-se a dormir no seu manto, e Amadis, a seus pés, adormeceu também. E Amadis teve um sonho.

Sonhou que estava encerrado em câmara tão negra que não entrava nela alguma lembrança do dia; e não achando por onde saísse, arquejava-lhe o coração; e parecia-lhe que vinham a êle sua prima Mabília e a donzela da Dinamarca, e que um raio de sol bailava diante delas . . . Tomavam-lhe elas as mãos e diziam-lhe:— Senhor, saíde e buscai a luz! — E, saíndo, vira Oriana, que estava cercada de fogo . . . E, passando através do fogo sem sentir que êle o queimasse, tomara Oriana nos braços e a levara a um formoso vergel. . .

Com aflitos brados, acordou; e o ermitão, despertando com êles, dispôs-se a ir de longada.

Queria Amadis deixar ali o cavalo para seguir, apeado e humilde, seu virtuoso companheiro. Mas não lho consentiu o ermitão.

— Meu pai, — disse-lhe Amadis — mais uma coisa vos peço: que a ninguém digais quem sou, nem me chameis por meu nome.

Sorriu-se o santo homem e tornou-lhe que a tão moço e formoso senhor, carregado de tanta pena, daria nome que quadrasse à gentileza e à dor.

E pôs-lhe o nome de Beltenebros.

Então, indo o monge no asno e no corcel o cavaleiro triste, tomaram ambos o caminho da soledade.

XIII

BELTENEBROS

Emquanto Beltenebros e o ermitão iam de longada, chegava à côrte de el-rei Lisuarte um nobre senhor que jornadeava naquêle reino.

Acompanhado de dez escudeiros, anunciou-se a el-rei o poderoso cavaleiro e deu-se a conhecer como o príncipe de Roma, filho do Imperador e herdeiro do Império, que de seu velho pai receberia.

Acolheu-o el-rei Lisuarte como

requeria a alteza de aquêle hóspede; e, abraçando-o, rogou-lhe se albergasse na côrte, do que todos haveriam prazer.

Quando fôram comer, viu o príncipe romano Oriana a Sem-Par e tão espantado foi de sua formosura que se não pôde ter que não dissesse a el-rei Lisuarte:

— Senhor, muitas belezas vi e admirei no mundo e muito ouvira eu louvar a formosura da princesa Oriana vossa filha, mas agora que a vejo com meus olhos, por mesquinhos tenho os louvores.

Sorriu el-rei Lisuarte, satisfeito do que o príncipe dizia; mas Oriana, que apesar da crueza com que tratara Amadis não pensava senão nêle e morria por novas, finjiu não ter visto o olhar que tanto a louvava.

Nos dias que esteve na côrte não buscava o príncipe senão servir a infanta, por mais que esta lhe mostrasse uma esquivança de que aquêle parecia não se aperceber; pois como era soberboso, avaliava em grande conta o serviço próprio.

E Oriana, a quem o cuidado do amor tornava triste, tinha por castigo as finezas do romano e suspirava por vê-lo abalar.

Também o príncipe não aprouve aos cavaleiros que com êle tratavam; e todos o julgavam mais bravo em pulir as palavras que em praticar os feitos.

Antes de deixar a côrte, dissera o príncipe a el-rei Lisuarte, encobrindo em tais palavras um claro pensamento:

— Senhor, de vossa côrte não me

poderei eu esquecer; e um dia espero mandar-vos de Roma novas minhas.

Chegados que fôram à Penha Pobre, de cuja braveza Beltenebros se agradou, aos marinheiros que os passaram na barca deu êle as vestes e o cavalo, recebendo um tabardo de lã meirinha com que se cobriu.

— Filho, — disse-lhe o ermitão — eis-aqui a Penha Pobre, e esta é a ermida onde a Virgem Nossa Senhora vai ter mais um servidor, do que pagado sereis por sua fina bondade. Assim muitas vezes socorre aos navegantes a Senhora da Penha, quando dessas ondas, achando-se êles em perigo, por ela bradam e lhe rezam com devoção. Para aqui

me passei, deixando sem saüdade os enganos do mundo, depois de haver gastado a flor da idade em desvairos de mancebo. E aqui me acompanhou sempre fiel a solidão dêstes sítios, a qual em trinta anos só uma vez deixei, e agora foi, para ir ao entêrro de uma irmã.

E ali começou Beltenebros a fazer penitência, para que Oriana um dia o quisesse.

Entretanto Durin, correndo a galope desapoderado, voltara em dez dias à côrte de el-rei Lisuarte.

Ardia Oriana por novas e, encerrando-se com êle, preguntou-lhe logo que dissera Amadis, e que fazia, e se Durin vira Briolanja e a achara tão formosa como era fama.

Mas Durin respondeu-lhe com tristeza:

— Senhora, tudo direi. Mas sabei antes que crueza como a vossa nunca no mundo se viu!

E depois de lhe contar os feitos de Amadis e de louvar a formosura de Briolanja—a qual, tirante Oriana a Sem-Par, era a mais formosa que vira — contou-lhe de como Amadis fôra dorido e triste da cruel sem-razão e como desesperado abalara ou morrera, sem se saber onde parava, se acaso aínda vivia...

Quando isto ouviu, Oriana sentiu que a ira quebrava e que no logar onde ela ardera estava agora piedade que a derretia.

Vendo-a chorar grandes lágrimas compadeceu-se Durin e chamou Mabília e a irmã para que confortassem a infanta. Como sucede com corações de mulher, que vão de

extrema a extrema sem mais guarte, tudo nela era chorar, arrepender-se e doer-se, desafogando-se em vozes de aflição:

— Ai! coitada sem ventura, que matei o que mais amava! E a morte do meu senhor mal vingada será com a minha!

Foram-na as duas boas donzelas sossegando, e com isto lhe davam prova do mais fino bem-querer, pois ambas haviam por cru o que ela em segrêdo fizera, e sem olhar aos perigos da crueza. E aconselharam-na a que a Amadis enviasse doce recado sem detença — ponto era saber-se onde êle estava!

Que a seu tempo Oriana o esperaria no castelo de Miraflores, para onde Mabília iria com ela. E que a donzela da Dinamarca iria acom-

panhada de Durin ao reino de Escóssia, a casa de Gandales, para onde Amadis talvez se fôra a buscar consolação.

Uma vez, na soledade da Penha Pobre, fez o ermitão sentar a Beltenebros no poial da ermida, e preguntou-lhe:

— Bom filho, que sonho tivestes quando ao pé da fonte dormiamos e me acordastes com brados?

Muitas vezes scismara Beltenebros naquêle sonho que Amadis tivera, sem que alcançasse o que êle dizia, se lhe era aviso de novos males ou vinha por esperança de remédio. E alegrando-se de que o ermitão lhe falasse do sonho, contou-lho sem lhe esquecer nenhum

passo, tão certo se lembrava de tudo pelo rebate que lhe dera. Ia o ermitão ouvindo, com os olhos estendidos àquêle grande ermo vivo do mar que tinham diante, e ali era tôda a companhia.

Respondia o marulho das águas à voz de um e ao silêncio do outro; e quando Beltenebros acabou de o contar, pediu ao santo homem lho explicasse, mesmo que a seu juizo fôsse o sonho prenúncio de outras penas.

Pensou o ermitão um bocado, como quem soletrava sua leitura naquelas coisas que em verdade eram da outra-banda da vida: e ao cabo disse-lhe contente:

— Beltenebros, bom filho, muito me haveis alegrado; e se contra meu costume vos falo de semelhan-

tes coisas, é porque julgo melhor serviço de Deus o dizer-vos palavra certa que vos ajude a alar-vos desta tristeza, que o deixar-vos correr à morte desesperada.

Caíu Beltenebros de joelhos aos pés do ermitão, regando-lhe as mãos de lágrimas e achando que doce lhe era, em dor tão áspera, ter o mimo daquêle companheiro.

E o santo homem, que muita amizade ganhara a Beltenebros, continuou, sorrindo:

—Bom filho, inda que as coisas do mundo não devam de andar-me na mente, ora ouvireis como entendo o que diz êsse sonho: era a câmara negra o cuidado; as donzelas, amigas vossas que trabalham por vosso bem; aquêle raio do sol, bom mandado que recebereis; e o fogo que

cercava a vossa amiga é a pena em que ela vive por vós.

Partiram em demanda de Amadis, para o reino de Escóssia, a donzela da Dinamarca e seu irmão Durin. Levavam consigo uma carta, mas, a esta, Oriana fizera-a tão doce quanto a outra era crua.

Navegaram com ventos fagueiros e ao cabo de sete dias arribaram a Peligez, de onde foram seguindo ao castelo de Gandales.

Voltava da caça o bom senhor e, mal soube de onde êles chegavam, com grande amizade e alegria pediu novas do seu criado Amadis. — Por onde êles conheceram com tristeza que Amadis ali não fôra.

A êste tempo Dom Guilan o Cui-

dador, que estivera na Ilha Firme, trouxe piedosamente a el-rei Lisuarte as armas de Amadis, que achara ao abandono.

Tendo Amadis por morto, choraram-no todos.

E Oriana, encerrada em uma câmara, maldizia como doida a sua ventura, e queria morrer.

Mas a boa Mabília consolava-a, convencendo-a de que Amadis não morrera, de que haviam de saber novas dêle, e que o Senhor Deus o teria em sua santa guarda!

Ora, um dia arribou à Penha Pobre uma nau em que vinha a condessa Corisanda, acompanhada de suas damas e cavaleiros.

Correndo o tempo macio, qui-

seram desembarcar para folgar uns dias, e ao ermitão pediu a nobre dama aposento para se albergar. Como na cela do santo homem jàmais êle consentiria que entrasse mulher, ofereceu Beltenebros a sua, para onde Corisanda fez levar a cama em que dormia, e êle entanto dormia ao relento, como muitas vezes costumava.

Alegrou-se então com a leda companhia aquela solidão da Penha Pobre.

Trazia luzidos cavaleiros e formosas damas a nobre Corisanda, donairosos de suas armas êles, garridas elas de mocidade e lindeza; e nêsses dias em que todos descansavam das fadigas da viagem, espalhavam-se pela praia ou pelas rocas, folgando em jogos e tangendo música.

E Beltenebros, olhando na ribeira do mar os cavaleiros e as damas, scismava em tudo que fôra, em tudo que perdera, e remirava de longe as armas, com saüdades!

Uma vez estava êle a remirá-las do adro da capela, onde o ermitão entrara para rezar as vésperas; e como êste deixara encostado ao muro o cajado a que se arrimava, pegou Beltenebros no bordão e floreou-o no ar como uma espada.

Ao saír da ermida, viu o monge aquela acção sem que o apercebesse Beltenebros; e como do coração desejava que o seu bom filho abalasse daquêle deserto, pondo côbro à penitência, sorriu satisfeito e teve por bom agoiro que em tais mãos se houvesse feito espada um bordão de pobre velho.

À missa, que o ermitão dizia, Corisanda e os seus repararam naquêle homem moço, tão triste e choroso, que se ajoelhava como penitente aos pés da Virgem Maria.

E uma noite ouviram que Beltenebros cantava uma canção tão saüdosa que não mais lhes esqueceu.

Passados dias, de novo se embarcaram. E a Penha Pobre ficou mais triste e só.

Mas Corisanda navegava com rumo à côrte de el-rei Lisuarte. Chegada que foi aí, contou ela a Mabília, quando conversavam em coisas da jornada, que vira na Penha Pobre um moço peninente cuja dor lhe cortara o coração.

E como aínda lhe soava aos ouvidos a voz de Beltenebros, contou-lhe que o ouvira cantar uma canção saüdosa, que não mais lhe esquecia.

Ouvindo falar daquêle penitente, dera rebate o fiel coração de Mabília; e emquanto Corisanda falava, pensava a boa donzela:

— E se aquêle penitente fôsse Amadis, a penar penas tão duras por pecados que não fez?

E disse a Corisanda:

— Senhora, mal sabeis como me prende o que me contais; e, se vos lembrais da canção, muito a quisera eu ouvir.

Vendo como Mabília seguia o que ela contava, adivinhou Corisanda haver ali mágoa de amor de que a infanta de Escóssia sabia.

E quando ouviu a canção, co-

nheceu-a Mabília por uma canção de amor que Amadis fizera a Oriana.

Então correu à infanta e disse-lhe de um fôlego:

— Amadis vive e está na Penha Pobre!

E Oriana e Mabília, abraçadas, confundiam as lágrimas, sorrindo!

XIV

A SENHORA DA PENHA

No reino de Escóssia, e tristes com seu despacho, embarcaram Durin e a boa donzela da Dinamarca. Da côrte de el-rei Languines traziam para Mabília os recados da raínha sua mãe.

Mas o que mais queriam trazer, que eram novas de Amadis, não o traziam êles.

Agora ouvireis como o Senhor dispõe graciosamente as coisas

quando tem piedade das suas pobres criaturas.

No mar levantou-se uma grande tormenta, e ficou a nau rôta, sem aparêlho, e já não sabiam caminho nem carreira. Jogados iam ao gôsto das vagas, altas como serras de água, e davam-lhes em cima os borbotões do vento.

Cuidando já todos que morreriam, faziam promessas a Nossa Senhora e rezavam em côro — *Virgem Madre de Deus, rogai por nós!*

Apertando ao peito a carta de Oriana, a donzela da Dinamarca chorava e pensava consigo:

— Ai, coitada! Não encontrei Amadis e agora morro levando comigo a carta que salvaria o melhor cavaleiro do mundo!

— Destino cru! — ia pensando

Durin à sua parte.—Foi por minha mão que Amadis recebeu aquela carta que o perdeu, e se eu lha entreguei sem suspeitar que desespêro lhe daria, para que obedeci no mais, não lhe aceitando a resposta? E vou morrer sem poder resgatar esta maldade!

Passados dias o mar e o vento amainaram e, na torna da manhã, avistaram terra.

Então conheceram de bordo a ermida da Penha Pobre. Logo determinaram os mareantes desembarcar, a fim de ouvirem missa e renderem suas graças à Senhora pela milagrosa salvação que lhes dera.

Ordenados em procissão desde a praia, seguiam os marinheiros a cruz que um grumete, vestido em uma sobrepeliz, levava alçada; atraz

da cruz ia uma folia e uma dança, por festejar o escape da perdição, e no coice da procissão ia o monge da Penha Pobre, com o Santíssimo Sacramento e os cantores.

Desembarcaram também a donzela e Durin; e depois que o ermitão disse a missa, encontraram-se no adro com Amadis e não o reconheceram, tão dessemelhado e descarnado estava, com cabelos e barba ao desdém.

Mas êle, quando os encarou, caíu como morto no chão.

Vendo o ermitão a Beltenebros por terra, cuidou que a êste chegara a derradeira hora, e corriam-lhe os prantos pelas cãs:

— Senhor poderoso, por que vos não amerceastes de quem por vosso serviço tanto aínda poderia fazer?

E pediu aos mareantes que o ajudassem a levar ao catre aquêle penitente.

Apiedada do que via, preguntou a donzela ao ermitão quem aquêle homem era.

— Um cavaleiro que aqui faz penitência...

— Se tão áspero logar buscou, grandes devem de ser seus pecados. Mas pois é um cavaleiro, deixai-me falar com êle e das coisas que trago em a nau o poderei remediar.

Quando viu a donzela ao pé do seu catre, Amadis tão turbado foi que não sabia que fizesse: porque, se se lhe desse a conhecer, rompia a vontade da sua senhora cruel, e se a deixasse partir, com ela se lhe ia a esperança.

— Bom homem, pelo ermitão

soube eu que sois cavaleiro, e como às donzelas cumpre servir quem a elas serve em tantos perigos, dizei-me que farei por vossa saúde.

Calava-se Amadis, chorando.

Suspeitou a donzela que o penitente estaria morto; e, como havia pouca luz na cela, abriu uma fresta para ver melhor.

Mas então, afirmando-se em Beltenebros, conheceu-lhe no rosto o sinal de uma lançada — e caíu de joelhos, soluçando, e beijando as mãos de Amadis!

XV

NO CASTELO DE MIRAFLORES

Ao deixar a Penha Pobre despediu-se Amadis do santo ermitão, beijando aquelas mãos que na má hora lhe haviam sido amparo. E rogou-lhe com muita amizade que fôsse à Ilha Firme, a fim de reformar um convento de monges que em suas terras mandara edificar.

Depois, passando na barca, meteu-se a caminho com a donzela e Durin. Tão fraco porém se sentia

que não pôde ir muito além; e achando êles um logar que bom lhes pareceu para cobrar a saúde com o descanso, ali ficou Amadis servido pela donzela, emquanto Durin partia a levar recado a Oriana. Era em verdade deleitoso o sítio, com árvores de meiga sombra e claras águas correntes. Ali falavam os dois do muito que sucedera, das dores padecidas, dos cuidados que houveram todos quando Amadis se sumira.

Contava-lhe a boa donzela de como Galaor, Florestan e Agrajes haviam partido a buscá-lo por longes terras; a dor de Gandalin, que voltara chorando à côrte como doido, e a de Durin, que a custo obedecera à ordem que levava.

Mas era de Oriana que os dois falavam sem fim. Contava-lhe a

donzela como se ela arrependera logo da sem-razão e crueza, e como quisera ter morrido, julgando perdido o seu senhor.

E mostrava-lhe de como Oriana agora partiria para o castelo de Miraflores, anciosa do seu perdão, anciosa do seu amor! Deitado à sombra deleitosa, ouvindo o tom da água que chalreava brincando, ia Amadis relendo a carta de Oriana, em que a bem-amada lhe pedia perdão e ainda duvidava de que êle lho desse. E beijando as doces palavras, pensando no que a bem-amada padecera, padecia Amadis por ela, sem mais lembrar a dor que lhe viera e a ponto estivera de matá-lo.

E, pensando no castelo de Miraflores, pedia a Deus lhe tornasse a saúde, para depressa partir, e viver!

Já cobrara Amadis as fôrças: o desejo aguçava-lhe a saúde e estavam-lhe os braços pedindo o pêso glorioso das armas. E a boa donzela, vendo como êle melhorara, disse-lhe adeus até Miraflores.

Partiu de ali Amadis e, na primeira vila, por dinheiro que lhe emprestara a donzela, teve armas e um cavalo.

E então foi o cavaleiro Beltenebros.

Ficava o castelo de Miraflores a duas léguas de Londres e, sendo piqueno, era o mais lindo que havia para uma saborosa morada.

Rodeado de vergéis, assentava numa encosta toda coberta de árvores tão boas que todo o ano davam

fruto e flor. E dentro tinha câmaras de rico lavor e pátiozinhos onde as fontes cantavam.

Uma vez que el-rei Lisuarte ali fôra caçar e consigo levara a raínha e Oriana, esta, aínda tamanina, tanto se agradou do castelo que el-rei lho deu de presente.

E ali viera agora Oriana sentida das dores que sofrera, trazendo no rosto formoso o sinal descòrado das penas.

Com a fiel Mabília sentava-se a infanta num pátiozinho ensombrado de árvores frondosas, debaixo das quais uma fonte cantava por melodiosa bica.

Aí confessava Oriana o seu temor de lhe não perdoar Amadis a crueza com que o tratara; e contava-lhe de como o amava mais, depois que

tanto o fizera penar. Sorria Mabília e dizia que se elà duvidava do perdão do seu amigo, é que aínda lhe não conhecia o maravilhoso amor; e explicava-lhe de como êle mais a amaria depois que tanto penara por ela.

Animava-se Oriana com tais doces palavras; e as duas amigas, Oriana aínda dolente, Mabilia com jeito brando, passeavam os vergéis de Miraflores, floridos de moitas de rosas, e de onde brotavam fontes.

Voltava ao rosto de Oriana a côr viçosa; e pois cuidavam não tardaria Amadis, combinavam ledas como entraria a furto o cavaleiro que vinha da amorosa penitência:

— Esta varanda é alta — dizia Oriana — e não poderá subir!

— Sim, subirá — tornava Mabília, rindo — porque nós lhe daremos as mãos!

Entrementes, e para que todos fôssem mais ledos, chegaram ao castelo os amigos fiéis: a donzela da Dinamarca, Gandalin e Durin.

Chegara Gandalin depois dos outros e, como o porteiro o viera anunciar à infanta, logo esta ordenou:

— Que entre o bom amigo que tão bom escudeiro é e foi criado comnôsco, para mais irmão de leite de Amadis, a quem Deus guarde!

— Senhora, — disse o porteiro — sim, a quem Deus guarde, pois grande perda seria se tão bom senhor se perdesse.

— Não vedes — disse Oriana a Mabília, quando o porteiro saíu — como a Amadis amam todos, mesmo

os mais simples como êste? E como não o amaria eu?

Fechados com segurança no pátiozinho da fonte formosa, falavam todos de Amadis, em breve dia esperado, segundo as novas trazidas pela donzela da Dinamarca.

— Gandalin, amigo, — disse uma vez Oriana ao escudeiro fiel — aínda me queres mal pelo mal que eu fiz sem saber?

— Senhora, — respondeu Gandalin — quero-vos grande bem por meu senhor, inda que mal vos quis quando perdido o julguei. E vós, para o receberdes, tomai ora todo o brilho e côr!

— Tão feia te pareço? — tornou Oriana, rindo. — Foi por me achar feia, amigo, depois de tanto sofrer, que eu vim a êste castelo esperar a

Amadis meu senhor, de sorte que, vendo-me êle, não possa fugir de mim!

Uma tarde, entrando na floresta, foi-se Amadis acostando à parte de Miraflores; e, deixando o cavalo pastar, esperava que anoitecesse.

Tão perto estava agora da ventura que as dores passadas lhe semelhavam sonho que tivera; e lembrava como tantas vezes quisera ter morrido, e agradecia a Deus que lhe fôra tão cortês e benigno senhor.

Quando anoiteceu, saltou o muro, entrou no vergel e, vendo Gandalin, chamou-o baixinho.

Correu o amigo e foi avisar Oriana, que veio à varanda com as sus fiéis.

Então, ajudado por Gandalin e

Durin, que o tinham posto nos ombros, e ajudado de cima pelas mãos de Oriana, de Mabília e da donzela, entrou Amadis no castelo — e ficou preso num beijo à bôca da bem-amada!

XVI

A ESPADA E A GUIRLANDA

Amadis, que todos julgavam perdido ou tinham por morto, fizera a el-rei Lisuarte serviços assinalados, combatendo por sua glória, — do que já diziam alguns que a fama de Amadis Beltenebros a ofuscava; mas como não tirara o elmo e ninguém lhe pudera ver o rosto, guardara o nome de Beltenebros.

Entretanto, quando a noite descia, entrava em Miraflores.

Ora, estando êle aí uma vez com sua amiga, veio Gandalin da côrte com grandes novas.

Um velho escudeiro grego, por nome Macandon, mostrara a el-rei Lisuarte maravilhosas coisas, as quais trouxera à côrte da grã Bretanha por ser ela afamada em gentileza.

E depois que el-rei disse lhe aprazia que à sua côrte a buscassem por gentil, mostrara-lhe o escudeiro uma espada como outra jàmais se vira. Encerrava-a uma baínha transparente, côr de esmeralda, e a folha de aço era, até metade, tão limpa como água cristalina, e na outra metade tão ardente e vermelha como de fogo. Depois que esta espada mostrara, mostrara o escudeiro uma guirlanda tão maravi-

lhosa como aquela: metade das flores que a entreteciam estavam frescas como se acabassem de abrir, e na outra metade tão murchas que parecia que se iam desfolhar.

— Senhor, — dissera Macandon — há sessenta anos ando eu vagamundo, em cata daquêles cujo amor logrará vencer o poder do que vos mostro. Dêsses só, de mais ninguém, por mando de altos desígnios, poderei receber as armas e, emfim armado cavaleiro, nêste cabo da vida subir ao trono que há tanto me espera. Mas como a êsses não achei, nem nos reinos distantes nem nas ilhas do mar, à vossa côrte vim para que nela ordeneis uma prova e, se me prometeis que a ordenais, direi o mais que não disse.

Ouvindo tais maravilhosas pala-

vras, arderam todos por saber o mais que Macandon calara.

— Senhor, — disseram a el-rei os cavaleiros, que olhavam a espada encantada — ordenai pois essa prova e tentemo-la todos, não sendo contra a lei de Cristo.

E as damas, que remiravam curiosas a encantada guirlanda, disseram à raínha:

— Senhora, pois que esta guirlanda nos respeita como toucado de flores, ordene el-rei essa prova para que a tentemos tambem.

De boa-mente o prometera el-rei Lisuarte; e dissera então Macandon:

— Senhor, esta espada que vedes ninguém nunca a tirou da bainha, donde só poderá arrancá-la aquêle que à sua bem-amada quiser com

perfeito amor. E esta guirlanda, quando posta na cabeça daquela que a seu amado quiser com amor igual, então se verá que reverdece e ficará toda em flor.

Ouvira Amadis estas novas, e quedara-se a pensar nelas.

Contara depois Gandalin que tendo el-rei já marcado o dia da prova, todos os cavaleiros fariam por desembaïnhar a espada, do mesmo modo que a guirlanda seria posta em cabeças de donas e donzelas. E como então estivessem na côrte os melhores cavaleiros da piquena e grã Bretanha, e a raínha Briolanja — que Oriana queria ver, mais que a ninguém no mundo! — ali chegara, coberta de luto por Amadis, a grande prova respeitava a todos e todos queriam tentá-la.

Disse então Amadis à sua amiga:

— À prova iremos também!

Pasmou Oriana do que ouviu, tão impossível lhe pareceu por perigoso e louco.

Respondendo ao espanto que lia nos formosos olhos da sua amiga, beijou-lhe Amadis as mãos e explicou seu pensamento:

— Mas ireis rebuçada de guisa que ninguem saiba quem sois; e comigo sereis diante de vosso pai — e faremos a prova da Espada e da Guirlanda!

Na véspera da prova na côrte enviou Oriana recado a el-rei, dizendo que, por estar doente, naquêle dia ficava deitada.

E depois Mabília e a donzela da

Dinamarca disfarçaram a infanta à maravilha.

Tão bem disfarçada ficou, vestida em uma capa mui rica mas desusada no reino e com a cara encoberta com um rebuço, que Amadis, sorrindo, disse quando a viu:

— Nunca eu cuidei que tanto folgaria de vos não conhecer!

E antes da alva do dia saíram de Miraflores e cavalgaram para a côrte em festa. Levava Amadis as mais formosas armas, pusera Oriana as mais formosas joias, e eram ambos o Perfeito Par.

Na sala grande dos paços, e depois de ouvida missa, el-rei Lisuarte e a rainha Brisena vão presidir à prova. Todos os cavaleiros cercam o trono e, sorrindo para êles, estão presentes tôdas as donas e donzelas.

Guardadas numa arqueta de jaspe chapeada de ouro, vêem-se a meio da sala a Espada e a Guirlanda.

Quando el-rei Lisuarte soube que Beltenebros chegava e concorria à prova, alegrou-se e recebeu-o com honra.

E Beltenebros, que não tirara o elmo, adiantou-se para el-rei, levando pela mão a dama rebuçada... (— Ah! senhores, como Oriana tremia!)

Dado sinal, a prova começou.

Primeiro adiantou-se el-rei e, pegando na espada, não a pôde tirar da bainha. Seguiram-se Dom Galaor, que amava Briolanja, e Bruneu de Bonamar, que amava Melícia, e Arban de Norgales, que amava Grindalaia: e não desembaïnharam a espada. Depois foi Florestan, o

outro irmão de Amadis, tão lial e gentil, que amava Corisanda: e a espada não saíu da baínha de esmeralda.

Seguiram-se Galvanes Sem-Terra, e Brandoivas, e Grumedan, e Ladasin, que todos tinham amores: e a espada ficou-se na bainha. Logo a provou Guilan o Cuidador, que amava Brandahia, depois de a haver provado Agrajes, que amava Olinda: e não saíu da bainha aquela espada.

E assim foi com Polomir, com Dragonis, com todos que a provaram; pois se todos, uns mais, outros menos, arrancaram da espada algum tanto, nenhum pôde arrancar a espada tôda.

Então adiantou-se Beltenebros, levando pela mão a bem-amada: e,

pegando na espada, — arrancou-a da baínha!

Fez-se depois a prova da guirlanda.

A raínha, primeiro, pôs na cabeça as flores; e as flores não refloriram. Seguiu-se-lhe Briolanja, — formosa no seu luto, e para quem Oriana olhava muito, — e não floriu a guirlanda. Depois foram Estreleta e Brandahia, e foi Aldeva e foi Olinda e Grindalaia, e foram tôdas: e as flores não refloriram. Quando postas naquelas cabeças, mais em umas, noutras menos, refloriam algumas flores; mas nunca tôda a guirlanda.

Então adiantou-se a dama de Beltenebros, levada pela mão do seu amado: e quando a pôs na cabeça — tôda a guirlanda floriu!

XVII

A CANÇÃO DE LEONORETA

Acabada a prova da Espada e da Guirlanda, foi Macandon armado cavaleiro por Beltenebros e, bemdizendo o Perfeito Par, recebeu as armas das mãos daquela dama rebuçada. Muito festejou a raínha a dama de Beltenebros, e el-rei Lisuarte, para fazer mais honra ao cavaleiro e à bem-amada, saíu a despedi-los, levando à rédea o cavalo daquela dama, em cuja cabeça florescia a

guirlanda, assim como na mão de Beltenebros rebrilhava a espada.

Voltando a palácio, quis el-rei Lisuarte ofertar aos cavaleiros e às donas e donzelas uma coisa graciosa e que a todos deu prazer. Depois que Amadis se perdera — e alguns dos que ali estavam bem o haviam buscado por longes terras — era a primeira vez que se davam mostras de alegria.

Chamou el-rei Leonoreta, sua filha aínda menina, e pediu-lhe que viesse cantar e dançar, com seu côro de donzelinhas, aquela canção que Amadis, sendo seu cavaleiro, fizera por seu amor.

Fôra o caso que uma vez, estando Amadis a falar com el-rei e a raínha, Oriana, Mabília e Olinda convenceram Leonoreta a que es-

colhesse Amadis por seu cavaleiro, para que êle mui bem a servisse, sem olhar para mais nenhuma dama. Riram-se os reis e Amadis; e êste, pegando ao colo na infantinha, sentara-a no estrado e dissera-lhe muito sério:

— Pois para cavaleiro me quereis, bem é me deis uma jóia a fim de me eu ter por vosso.

E a infantinha tirara dos cabelos um alfinete de ouro cravado de pedras preciosas, e dera-lho por amoroso penhor.

Tendo el-rei Lisuarte contado esta lembrança graciosa, todos sorriram ouvindo-o.

Mas o que el-rei não sabia era que essa canção a fizera Amadis para Oriana, e que emquanto falava a Leonoreta, brincando com ela no

estribilho, em verdade dizia como amava a furto a Sem-Par.

Entrementes entrou Leonoreta, e seguiam-na doze damizelas. Vinham tôdas vestidas por igual, de telas ricas, e traziam grinaldas nas cabeças.

E Leonoreta e o côro cantaram e dançaram a formosa canção:

Senhor genta,
min tormenta
voss'amor en guisa tal,
que tormenta
que eu senta,
outra non m'é ben nen mal,
mais la vossa m'é mortal.

Leonoreta,
fin roseta,
bela sobre toda fror,
fin roseta,

non me meta
en tal coita vosso amor!

Das que vejo
non desejo
outra senhor se vós non.
E desejo
tan sobejo
mataria un leon,
senhor do meu coraçon!

Leonoreta,
fin roseta,
bela sobre toda fror,
fin roseta,
non me meta
en tal coita vosso amor!

Mha ventura
en loucura
me meteu de vus amar.
É loucura
que me dura,
que me non poss'ên quitar.
Ai fremosura sem par!

Leonoreta,
fin roseta,
bela sobre toda fror,
fin roseta,
non me meta
en tal coita vosso amor!

XVIII

AS SETE PARTIDAS

Depressa foge ao amor a ventura, e assim fugiram ligeiros os dias de Miraflores. Conheceu Amadis que não podia encontrar-se aí mais com a sua amiga, por tão perigoso ser.

Doces horas vividas a furto entre os amigos fiéis, no coração dos quais demorava o segrêdo escondido e amado; doces horas de tanto sabor na câmara de Oriana, ao tomar rijo nos braços a esbelteza do corpo

de ouro; doces horas em que ambos passeavam à sombra rescendente dos vergéis — adeus!

Dera-se então Amadis a conhecer a el-rei Lisuárte e a todos, e em batalha o fizera, salvando el-rei da perdição em que estàva e mantendo-lhe a vida com a vitória.

Não mostrara porém el-rei Lisuarte tão agradecido coração como devera, fôsse que já invejasse glória que tanto brilhava, fôsse que a seus ouvidos ousassem segredar bôcas enredadoras que Amadis lhe cobiçava a corôa.

Saüdoso de Miraflores, desgostoso da côrte, e não, como todos cuidavam, por desejo de andar terras estranhas e ver várias gentes e leis, foi Amadis correr as sete partidas do mundo.

— Amiga adorada, — dissera êle a Oriana, falando a furto com ela uma última vez — pois el-rei assim o quere, assim me convém fazê-lo, e vou-me para que a glória, que por ti só ganhei, se não perca com minha honra. Amiga, como sou mais teu que meu, não me mandes ficar, inda que eu morra de dizer-te adeus!

— Amigo, —respondera-lhe Oriana, a quem o coração também se partia — a mim era, e não a el-rei meu pai, que tu servias; mas pois da tua honra me falas — até um dia, e até sempre!

Nêsses reinos distantes, para onde se fôra depois de visitar o seu bom senhor Gandales e a côrte de Gaula, praticou Amadis grandes feitos, para glória de Deus e da bem-amada.

Um dia, navegando diante de uma

ilha que lhe pareceu bem vestida de arvoredo, apeteceu a Amadis desembarcar, por descansar um pouco em sombra mansa.

— Senhor, — disse-lhe mestre Elisabat, que era o patrão da galera, homem sábio em experiência e conselho — esta é a Ilha Triste e de nela desembarcar nos guardemos nós.

E contou-lhe mestre Elisabat de como ali reinava Madarque, o gigante cruel de cuja sanha lhe foi dizendo os feitos, contra a lei de Cristo cometidos.

Mas a Amadis respeitava limpar o mundo de traição, de maldade e de êrro; e, alcançando terra em um batel onde levava o cavalo, foi subindo um escarpado monte, coroado no cimo por um castelo. Logo de uma tôrre do alcáçar deu sinal o

fero som de uma buzina, cujo clangor foi tangendo o recôncavo das furnas. Não tardou Madarque em descer à terreiro, e viu-o Amadis vestido de aço no possante ginete, trazendo a cabeça coberta com uma capelina coruscante e na mão um venábulo de guerra.

— Ora me valha aqui minha senhora Oriana! — rezou Amadis no íntimo do coração.

E mestre Elisabat ouvira, desde a galera ancorada, o estrupido da batalha, que atemorizava os ecos. Emfim rôto dos golpes se abatera por terra o gigante Madarque e, vencido e repêso, prometera ao vencedor abraçar a lei de Cristo. Então libertara Amadis dos cárceres do castelo os cativos que nelas penavam — e agora bemdiziam o salvador!

Outra vez, indo com rumo a Constantinopla, e depois de uma tormenta que lhes dera, passaram a uma ilha que, por tão despovoada e agreste, entristecia os olhos que a abrangiam. E mestre Elisabat contara que aquela era a Ilha do Diabo, aínda mais temerosa que a Ilha Triste, porque ali havia senhorio, não já criatura com forma humana, mas uma alimária horrenda, em cuja fábrica metera mão o demónio e a quem o pavor das gentes nomeava por Endriago.

Tinha o corpo veloso e escamoso, a modo de rocha felpuda; corria voante como touro alado em asas de morcego, chamejando pela güela peçonha de vapores; e todo o seu prazer era devorar gente, da qual pouca restava naquela ilha.

Ouvia Amadis tais temerosas coisas, e emquanto olhava a ilha renegada, pensava que em combater o próprio poder do demónio daria grande lustre ao seu amor.

— Gandalin, amigo, — disse Amadis ao escudeiro fiel, quando saíu a combater o monstro — uma coisa te rogo muito: e é que, se eu aqui morrer, leves à minha senhora Oriana o que eu trago e dela é — o meu coração!

Ficara-se Gandalin em lastimoso pranto, porque a grande afeição que a Amadis votava, sobrelelava nêle ao desejo de ver o seu senhor colher mais glória; e temia ter de cumprir tão doloroso mandado, levando a Oriana a flor dos corações!

Fôra-se Amadis a desafiar a medonha bêsta-fera no seu fojo de

rochas taciturnas, dando vozes com que ela saíu a terreiro mais sanhuda.

Como a Endriago assistia o poder do demónio e como êste via que o cavaleiro invocava, antes do nome de Deus, o nome da bem-amada, já festejava raivoso o desbarate do inimigo.

Mas o nome de Oriana, junto ao nome de Deus, ainda ali salvara o que o invocara em batalha.

E após o combate, destroçado o monstro, recolhera Gandalin a Amadis meio-morto à galera, onde mestre Elisabat, com subtis medicinas, lhe foi curando as feridas e a peçonha.

E, por memória do grande feito, se ficou chamando aquela ilha — Ilha de Santa Maria.

Depois, em Constantinopla, que

era naquêle tempo a cabeça da Cristandade, recebera-o o Imperador fazendo-lhe muitas honras — e quanto desejara que em suas terras ficasse demorando o Paladim!

Mas tanto se lembrava sempre Amadis da bem-amada, que, vendo entrar a infanta, linda à maravilha, se recordou do tempo em que Oriana era da idade dela e êle o Donzel do Mar — e chegaram-lhe as lágrimas aos olhos.

Repararam todos naquêle pranto reprêso, admirados de lágrimas verem nos olhos do vencedor de Endriago; mas todos calaram por cortesia a estranheza.

O Imperador, a quem Amadis mais agradava que nenhum outro senhor que até então conhecesse, falou à puridade com mestre Elisabat:

— Mestre, por que razão choraria o amo a quem bem servis?

— Senhor, como o saberei? Só sei que mais formoso e esforçado cavaleiro não há!

— Seria por esconder mágoa de amor?

— Senhor, se êle a esconde, bem encerrada a tem, pois só quando dorme suspira, inda que ás vezes as scismas o tragam por longe.

Mas a princesa, a quem mais que a todos aquelas lágrimas haviam chegado ao coração, preguntou a Amadis piedosamente, uma vez que junto ao seu estrado não estava por então mais ninguém:

— Senhor, por que haveis chorado?

Recobrou-se Amadis do enleio em que o deixara a pregunta e, não

sabendo mentir nem querendo passar além, disfarçou com alegre semblante:

— Foi porque me lembrei de um tempo saboroso!

Ao despedir-se Amadis da côrte, juntaram-se na sala grande dos paços, que era tôda forrada de ouro, com figuras mui ricas de embrèchados, os altos senhores do império, e o Imperador ofertou a Amadis muitas pedras preciosas que provinham dos tesouros dos reis da Judeia; mas Amadis escusou-se a aceitá-las.

A infanta, a quem aquêle adeus custava, trouxe duas corôas do mais rico lavor e pedraria:

— Dois dons vos peço, senhor: — disse a bela princesa — que a corôa em que alvorece êste branco rubim a deis à mais linda donzela que

conhecerdes, e estoutra em que esplende um rubim vermelho à mais formosa dona a oferteis.

Então pusera Amadis a corôa do branco rubim na cabeça da infanta de Constantinopla, e a corôa do rubim vermelho guardou-a para Oriana a Sem-Par.

Assim por espaço de três anos andou Amadis de terra em terra e de glória em glória, em Alemanha, em Romania, em Grécia, protegendo os fracos, abatendo os soberbos, reparando agravos, emendando êrros, aprendendo as linguagens dos povos, conhecendo peregrinos costumes.

Ás vezes, quando mais lhe pesava o lembrar-se, fugia aos louvores —

pois nunca lhe agradava que o louvassem — e ao saüdar de príncipes e senhores, e buscava solidão de floresta para ai, a sós com o seu coração, sòzinho com Gandalin, — pensar em Miraflores. Como é sina e magia de saüdosos irem ante si figurando o que adoram, assim via Amadis os olhos de Oriana, a bôca de Oriana, suas mãos, seus cabelos, seus pés mimosos nos chapins ponteagudos, todo o seu corpo de ouro, que êle tivera. E como o que via estava animado daquela luz de dentro que é a alma, via também a alma de Oriana, tão finamente trajada no vestido do seu corpo, e formosa como êle.

Quantas vezes, no albergue dos castelos ou na riqueza das côrtes, sentira Amadis que o buscavam o-

sorriso de muitas bôcas formosas e a luz de muitos olhos lindos!

Mas, se os olhava, nem bem os via, pois tão cerrado guardava o segrêdo do seu amor como mantinha fiéis corpo e alma à bem-amada.

E sem nunca ter novas de Oriana, teve-a sempre presente na sua alma, porque sempre houve nela — a Saüdade.

XIX

IMPERATRIZ DE ROMA

Mas não fôra esquecida Oriana em Roma, e o novo Imperador que aí reinava mandou a el-rei Lisuarte uma poderosa embaixada a pedir-lhe a sua mão.

Assim, desde que partira da côrte da grã Bretanha, não esquecera aquêle príncipe a formosa Sem-Par e, logo que subiu ao trono, o seu primeiro cuidado foi pedi-la, fiado na boa menção que el-rei fizera às palavras da sua despedida, e mais

que tudo fiado na soberba de crer que nenhuma princesa da Cristandade recusaria sentar-se à sua ilharga no sólio do seu Império. Arribaram à Grã Bretanha as naves romanas, aparelhadas com grande riqueza, e delas desembarcaram grandes senhores.

Agasalhou el-rei Lisuarte com muita honra os nobres embaixadores, entre os quais mandara o Imperador a raínha Sardamira de Sardenha — a fim de acompanhar a Imperatriz a Roma — o príncipe Salustanquídio, senhor de Calábria, Brondajel de Roca e o bispo de Tulância.

E quando êles lhe pediram para o Imperador de Roma a mão da infanta Oriana, ficou el-rei Lisuarte de dar a resposta ao cabo de um mês.

Mas logo teve el-rei por graciosa fortuna que o Imperador mais poderoso da terra lhe mandasse pedir uma filha.

E, antes que ouvisse conselho, prometeu a si mesmo que a daria.

Quando Oriana soube que os romanos vinham com tal recado e sua mãe lhe disse que el-rei se inclinava a dar-lhes favorável despacho, ficou tolhida de espanto e dor! Não sabia a fiel Mabília defender agora Oriana contra perigo que era maior por tão traiçoeiro ser; e, apartadas de todos na câmara da infanta, desafogavam-se em palavras, já de furor, logo descoroçoadas, do que ambas iam sofrendo, cada uma de seu mal, que ao mesmo ia dar. E lembravam com sanha e desdém o príncipe néscio e inchado que mal

andante viera à côrte da grã Bretanha.

— Ai! — gemia Oriana. — Por que se foi Amadis e me deixou sòzinha, êle, o lume das coitadas?

Não podendo mais calar a angústia que a trespassava, foi Oriana ter com seu pai, ajoelhou-se-lhe aos pés e disse-lhe chorando:

— Havei piedade desta filha!

Levantou-a el-rei a ponto que Oriana lhe ia beijar os pés:

— Filha, a tudo que disserdes ouvirei com amor de pai.

— Meu pai e senhor, se é vossa vontade mandar-me ao Imperador de Roma, apartando-me de vós, da minha mãe e da terra onde nasci, sabei que tal vontade se não poderá cumprir porque antes morrerei ou me darei a morte!

Tornou-lhe el-rei que forte loucura seria não querer o trono mais poderoso da terra, vendo as grandezas do Imperio, havendo seu senhorio e tendo reis e raínhas por vassalos; que em ela chegando a Roma logo aprovaria o que el-rei desejava para bem da sua filha, a quem muito queria, e para bem da sua corôa, a que muito lustre dava.

Junto de sua mãe recebia Oriana piedade e confôrto, mas que podia a raínha senão acompanhá-la na dor?

E porque el-rei pensou que a seus fins convinha, mandou Oriana para o castelo de Miraflores, onde a raínha Sardamira a foi acompanhar.

No castelo das lembranças caras, mais padeceu Oriana a grande pena

em que se via. Tudo ali lhe espertava a memória dos dias saborosos, tudo, desde o mavioso chalreio das fontes até ao aceno das árvores que aos dois haviam coberto. Em tudo lia Oriana os sinais do seu amor, surgia de cada canto o vulto de Amadis, todo o logar o marcava lembrança de afago ou beijo; e à noite, sòzinha em sua câmara, via a seu lado no leito o logar do seu amado.

Falava-lhe a raínha Sardamira das grandezas de Roma e do senhorio imperial; mas emquanto a raínha falava, Oriana pensava em seu amigo, que saüdoso andava por longes terras; pensava na fidelidade de Amadis, no que por ela penara — e sentia em seu corpo formoso derreter-se-lhe a alma por êle.

Louvava-lhe a raínha Sardamira o belo amor do Imperador, que tanto lhe queria desde que a vira na côrte, e dela fazia a senhora mais poderosa do mundo, soberana dos príncipes da terra.

Mas Oriana, olhando o vergel, lembrava-se da noite em que Amadis entrara no castelo — e ficara preso num beijo à sua bôca!

Quis el-rei Lisuarte ouvir os homens bons, e a palácio os chamou com o conde Argamon, seu tio, a fim de receber juízos avisados.

Era o velho conde senhor de mente arguta e tinha muito mundo.

Mesmo doente de gota viera ao chamamento e, sabedor do que a todos constava, vendo os modos

de el-rei logo o teve por já determinado e por pouco inclinado a escutar razões. Como conhecera muitas côrtes, bem sabia que aos reis não apraz que os atalhem nos intentos, até por serem de humana condição.

Mas o conde Argamon vinha seguro de sua causa e, depois, já por tão velho ser, desapegado das coisas do mundo, não se lhe dava dizer aos mais o que tinha por direita verdade.

Juntos que fôram nos paços, falou el-rei Lisuarte aos homens bons e disse-lhes que havia aquêle casamento por coisa louvável e da qual poderiam todos ter aprazimento; que o Imperador, escolhendo Oriana entre as princesas da Cristandade, dera mostras de

honrar a corôa da grã Bretanha, aliando as grandezas do Império às da cavalaria dêste reino; e que esperava em seu coração de rei e de pai que a infanta sua filha fôsse ditosa em Roma, alçada ao trono por Imperatriz.

Ouvira o velho conde o que el-rei dissera, e fôra-o olhando com finos olhos em cuja chama, que a idade amortecera, brilhava aínda a luz das mentes claras. E, quando el-rei acabou, começou êle:

— Sobrinho e senhor, custoso é dar conselho em coisas tais, pois se por vossa vontade formos, a nós mesmos podemos enganar, e se contra ela nos pusermos, vós agastar-vos-heis.

E foi dizendo que tal casamento não era de razão se o não desejava

Oriana, e que êle suspeitava que a infanta não era leda de se alçar por Imperatriz; que por êsse casamento perdia ela o reino de que era herdeira e de direito lhe pertencia, de sorte que, mandando-a ao Imperador, el-rei Lisuarte a deserdava e dava a corôa a Leonoreta; que também tal casamento vinha pôr o reino em perigo, pois o Imperador, por morte de sua mulher, poderia julgar-se com direitos a esta corôa, e em verdade poderia vir a tê-los; e que sendo o Imperador poderoso como era, sem grande trabalho o reino viria tomar.

Tôdas estas avisadas coisas as dissera o conde Argamon por amor da verdade, e também porque sabia que Oriana padecia e chorava de casar, e o discreto senhor sentia pela

formosa infanta um afecto que se revia em sua beleza dela.

El-rei Lisuarte, a quem o arrazoado do seu velho tio doêra, retrucou que a mocidade, pelo ser, não sabe o que mais convém ao bem próprio, e que a muita crescença dos anos, com escurecer o mundo, levanta perigos onde se êles não acham.

E assim como não atendera aos homens bons, nem ao conde Argamon, com quem se mostrara agastado e se retirou para as suas terras, não atendia el-rei Lisuarte a sua mulher a raínha Brisena, que chorava de saber que Oriana partia e contra vontade casava.

Já nos corações dos mais liais cavaleiros lavrava a tristeza de tal feito. E Dom Galaor, que além de ser dos mais liais, suspeitava que

Amadis e Oriana se amavam, falou por todos a el-rei:

— Senhor, àmanhã se Deus quiser saïremos dêste reino, que em vossa côrte não nos apraz mais servir.

Preguntou el-rei Lisuarte porque o deixavam.

— Senhor, porque a vossa filha fazeis o que não devieis de fazer à mais miseranda mulher.

E Galaor, Florestan, Agrajes, e com êles todos os liais, deixaram a côrte de el-rei Lisuarte e passaram-se à Ilha Firme.

Ao cabo do prazo marcado, chamou el-rei a Brondajel de Roca e deu-lhe a sua resposta:

— Amigo, sabei que êste casamento não é do agrado de alguns, que, por muito estimarem minha filha, a custo a vêem partir. Mas

pois eu julgo que a faço feliz, muito me apraz a mim; e em ela chegando a Roma, logo me aprovará. Aparelhai, pois, vossas naus para levardes a Imperatriz ao Imperador.

Então, no apêrto de tão duro transe, e por conselho da fiel Mabília, mandou Oriana por Durin à Ilha Firme o seu recado de dor, pedindo aos cavaleiros de Amadis que lhe acudissem na aflição.

E emquanto se aparelham as naves da embaixada, que já baloiçam no porto anciosas da partida —roga Oriana a Deus lhe traga o seu amigo a tempo de a salvar!

XX

A ILHA FIRME

Quando Amadis entrou no mar Oceano, palpitou-lhe com ância o coração.

Vindo de tão longe, lembrava-se que, entrando a navegar naquelas águas, voltava aos caros logares onde ficara Oriana. E mais viva se lhe acendia no coração a saüdade da bem-amada.

Agora que a idade verde fugira, fazendo o amor mais pensado, ape-

tecia Amadis para êle a bênção da igreja, que diante de Deus e dos homens juntaria o seu coração ao de Oriana, senhora da Ilha Firme e futura raínha de Gaula.

Cuidava êle que, não por merecimentos próprios senão porque lho permitira a divina bondade, havia ganhado Oriana desde aquela manhã de Abril em flor em que abalara sem nome a caminho de aventuras, levando a alma tão cheia de amor tal a sentia agora.

Assim vinha Amadis pensando, emquanto a nau cortava aquelas águas e êle olhava, entrevendo-as a distância, as costas dos reinos e as areias das praias.

Nas horas de folgança, com o vento a acompanhar nas enxárcias as vozes, os marinheiros cantavam,

Quem se embarca? quem se embarca?
quem vem comigo? quem vem?
Quem se embarca no meu peito,
que linda maré que tem!

e, ouvindo-os cantar, acudiam-lhe as lembranças e as saüdades cresciam.

Lembrava-se dos amigos fiéis cujo amparo tivera em horas de tanta dor: da sua doce prima Mabília, da donzela da Dinamarca, de Durin; como em névoa de sonho, revia a soledade da Penha Pobre e o ermitão que lhe fôra abrigo; e por cima das ondas mandava um pensamento de terna afeição ao seu bom senhor Gandales.

Um dia encontraram uma fusta e chegaram à fala com uns mercadores da grã Bretanha que partiam a tra-

ficar em outras terras. Como lhes pedissem novas do reino e sendo a maior delas o casamento de Oriana, contaram os mercadores o despacho que el-rei Lisuarte dera à embaixada, contra a vontade de muitos e, ao que êles tinham ouvido, contra a vontade da infanta. E sabendo Amadis que a Oriana já a tratavam por Imperatriz de Roma, ficou um tempo sem acôrdo nos braços de Gandalin.

Vendo desfalecido o mais forte cavaleiro, a quem apenas derribava o cuidado da bem-amada, considerava o escudeiro com pranto enternecido aquêle maravilhoso amor do seu senhor e amigo.

— Este que vai aqui desacordado — pensava Gandalin — aquêle é que venceu Dardan o Soberbo, desbaratou Abies de Irlanda, converteu Ma-

darque o gigante, matou o demoníaco Endriago!

Tornando em si, sentiu Amadis crescer-lhe a sanha contra el-rei Lisuarte e mais se doeu de êle tão ingrato haver sido à lial companhia de armas que o servira, dando ouvidos a vozes de traição, nascidas só da inveja. Recordou que a el-rei fizera serviços tão grandes que dêles proviera nova honra e glória à grã Bretanha, e que o próprio rei lhe devia a vida, que lhe êle salvara em arriscado perigo.

E, mais pungente que tôdas, uma ideia lhe atravessava a mente: — Oriana! Oriana a padecer na pura fidelidade do seu coração, forçada a dar-se por noiva, calando o amor que lhe tinha, de certo apetecendo a morte!

E da sua alma, que a angústia agora toda revolvia, ergueu-se prece fervorosíssima: — que o vento lhe inchasse as velas, para a tempo chegar!

O mar era chão, sopravam os ventos fagueiros e, ao cabo de alguns dias, gritou um gageiro que subira ao tope real:

— Alvíçaras, alvíçaras! Já vejo a Ilha Firme!...

Receberam os da Ilha Firme com grande glória a seu senhor, aclamando quem tão desejado e amado era. E tendo agradecido a Deus o permitir-lhe que a tempo viesse, juntou Amadis seus irmãos e pares e cavaleiros, e assim lhes falou:

— Bons senhores e amigos, depois que de vós me apartei, muitas ter-

ras estranhas andei e muitas aventuras corri. Passei grandes perigos e trabalhos, dos quais saí com a ajuda de Deus. Porém aquêles em que o meu coração foi mais ledo, eu os passei levando socorro a donas e donzelas, a quem agravo e sem-razão se faziam, e a que elas respondiam com lágrimas e suspiros, que são as armas das mulheres. Ora, sabeis que sem-razão e agravo faz el-rei Lisuarte a sua filha Oriana, deserdando-a do reino da grã Bretanha e mandando-a, contra seu mesmo querer, ao Imperador de Roma. Se el-rei Lisuarte comete esta crueza contra Deus e contra seus naturais, digo-vos que a nós compete remediá-la. Agora diga cada um seu parecer, que o meu, amigos, já vo-lo dei!

Ouviram com grande louvor todos os liais as palavras de Amadis: acendia-se-lhes nos olhos a chama do valor que brada — àvante, e anciavam em cada baínha as espadas por verem a luz.

Pediram os cavaleiros a Agrajes que em nome de todos respondesse:

— Bom senhor e primo, sabei que aínda que com a vossa presença se nos dobrassem as fôrças, mesmo sem vós, que por apartado tinhamos, determinados eramos ao remédio!

E Agrajes, assim falando, por seu próprio coração também falava, porque o príncipe Salustanquídio, senhor de Calábria, movera el-rei Lisuarte a que mandasse Olinda para Roma, a fim de casar com ela.

Quando chegou o dia aprazado e aborrecido, desceu Oriana à praia entre o grande cortejo que a levava. Ordenara el-rei Lisuarte que naquela despedida concorresse grande brilho, já por honrar ledamente a noiva, já porque às grandezas do Imperador queria êle responder com as próprias.

Vestia Oriana panos de ouro bordados de pedraria e pérolas, e assentava-lhe nos formosos cabelos uma corôa que scintilava. Alegravam a marcha do cortejo as côres desenroladas dos pendões, e o clangor das trombetas varava o ar do burgo à praia. As damas, montadas em finos palafréns, iam levadas à rédea pelos pagens; revestiam os cavaleiros as suas armas mais ricas, e tôda esta companhia luzia de esplendor.

Ia a infanta a par de el-rei e montava um soberbo palafrém ricamente ajaezado, com freio, peitoral e estribo de ouro a martelo, cravejado de pedras finas, presente de seu pai, e em que devia fazer a sua entrada em Roma.

E já a aguardavam os nobres embaixadores, ora mais orgulhosos com o despacho.

Mostrava el-rei Lisuarte bom semblante, posto que em seu coração pesava nuvem grossa: não estava ali a flor dos seus cavaleiros, e havia muitos olhos razos de água. Doía uma pena escondida nos corações dos homens bons, e a arraia-miúda murmurava de ver partir a infanta.

— Contra vontade vai ela — pensavam as mulheres do povo, a quem

a vista de Oriana movera a doce piedade — e que lhe faz a riqueza, à bela mal maridada?

— Também se nos vai com ela a segurança do reino — pensavam outros a quem a formosura da infanta tocava o coração — e na má hora vieram os romanos a levar-nos quem nos pertencia!

Com Oriana quisera ir Mabília, a sempre doce e fiel; a donzela da Dinamarca não deixara também a pobre de sua senhora; e Olinda, tôda chorosa, embarcava com elas.

Abraçou-se Oriana em sua mãe, ambas confundindo as lágrimas:

— Filha, eu me fio em Deus de que isto que te manda el-rei é por teu bem!

Receberam emfim os embaixadores a formosa Sem-Par.

E, dando ao vento as velas, alongam-se as naus da vista — e todos os olhos as seguem, e os corações todos choram!

Já as proas romanas fendem as ondas, e navegam soberbas as naves. Dispostas vão de maneira que no meio guardam a mais soberba delas, em cujo tope se desfralda a signa do Imperador. Fechada a cadeado em uma câmara rica, nessa vai Oriana a caminho de Roma.

Mas à frente da frota roubadora surge outra que o amor comanda e guia.

— Gaula, Gaula! Aqui vai Amadis!...

Rompe fera a batalha entre as naus abordadas.

Combatem pelos da Ilha Firme os nobres aliados, e Briolanja mandou os seus melhores cavaleiros. Ao cabo de brava peleja, rendem-se as naves romanas.

Então sobe Amadis àquela em cujo tope flutua a signa do Imperador, e onde Oriana, dando graças a Deus, posta em joelhos, tinha ouvido, sorrindo, a voz do seu amado!

E Amadis liberta e leva para a Ilha Firme — Oriana, Oriana a Sem-Par!...

Senhores, aqui se acaba o romance de Amadis.

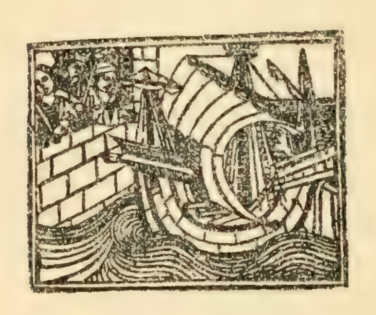
Se vos disserem que êle continua, não o queirais crer, pois o velho trovador não contou mais.

Da história que se enreda em

outras muitas histórias, tirei e vivi o que ela tem tão nosso — uma heróiça e amorosa canção. E foi esta que o cavaleiro-poeta por minha voz cantou.

Suspenso fica o amor de Amadis e Oriana, sem lhe sabermos o fim?

Mas o amor não tem fim, se é belo amor; ou, se o tem, tem-no em si mesmo, porque o amor ama o amor.



INDEX

INDEX

DA INFELICIDADE DA COMPOSIÇÃO, ERROS DA ESCRITURA, E OUTRAS IMPERFEIÇÕES DA ESTAMPA, NÃO HA QUE DIZER-VOS: VÓS OS VEDES, VÓS OS CASTIGAI.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO.

ACABOU-SE DE IMPRIMIR
NAS VÉSPERAS DO NATAL
DE 1922



